O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 6 DE FEVEREIRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1.346

Factos & Criticas

E' preciso esmaga-los. E' preciso que o paiz veja bem que *não ha nada a esperar d'elles.* Que não são um partido, na accepção nobre da palavra. Mas uma quadrilha, uma infamissima quadrilha, como vimos dizendo e provando.

Em 16 de dezembro de 1906, escreviamos:

« Temeram que João Franco lhes fizesse concorrencia, lhes tomasse o passo, lhes tirasse a popularidade. Nada mais insensato. Um instante de reflexão, como aqui lhes dissémos, e como aqui lhes dissémos tambem muito a tempo, tambem muito a horas, um instante de reflexão lhes mostraria toda a insensatez d'esse receio pueril. João Franco não poderia manter-se muito tempo no campo liberal e no campo honesto, por mais que o quizesse. A sua boa vontade poderia ser grande. Mas esbarrava necessariamente na *fatalidade das circumstancias,* termo que por ser um logar commum, e por parecer destituido de toda a significação, não deixa, no fundo, de ter uma base scientifica e de significar immenso. Ora se João Franco esbarrava necessariamente, a boa tactica, a conveniencia partidaria seria não o combater *á outrance* quando era liberal e honesto, mas *preparar tudo* para o combater de morte, e á monarchia, quando deixasse de ser liberal e quando deixasse de ser honesto.

Quer seguir o caminho liberal? Quer fazer uma boa administração? Pois bem, dir-lhe-hiamos, como acima de tudo collocamos os interesses da patria e os interesses da liberdade, conte n'esse campo com os nossos applausos. Simplesmente, nós estamos convencidos de que as suas tentativas são vãs, de que você cahirá nos processos antigos não tarda nada, e d'isso vamos prevenindo o paiz, para que não tenha que soffrer uma nova decepção.

E no dia em que João Franco houvesse naturalmente regressado aos processos anteriores, arrastado pela fatalidade das circumstancias, entre as quaes avultariam, como forças invenciveis, os odios, os resentimentos, as ambições dos politicos monarchicos, e as intrigas, ambições, egoismo, espirito de predominio e intransigencia das camarilhas e de toda a familia real, só uma força respeitavel e por todos acatada se levantaria n'esta terra: a força republicana. Respeitavel pela correcção e habilidade da sua conducta, respeitavel pela organisação publica e secreta a que, aproveitando as treguas dadas pelas circumstancias, aproveitando o desafogo dos espiritos, a explosão do sentimento até ahi tyrannicamente comprimido, os chefes haveriam procedido.

Toda a nação teria de curvar a cabeça deante do partido republicano. Ninguem o poderia accusar de ter sobreposto aos verdadeiros interesses da liberdade, e da patria, ambições ou soffreguidões de mando. Ninguem poderia dizer aos membros d'esse partido: « *Os senhores concorreram tambem para que o governo actual se desviasse do caminho de liberdade e honestidade que estava disposto a trilhar.*» Emfim, com essa conducta, de prudente e habil reserva, de espectativa segura, que aproveitaria ao mesmo tempo para refazer as suas forças, para dar os necessarios retoques n'uma reorganisação que data de hontem, pode-se dizer, o partido republicano tudo teria a ganhar e nada teria a perder.

O partido republicano, que nunca teve direcção, commetteu um grande erro. E ve-lo-hemos.

Se insistimos n'este ponto é porque gostámos sempre de liquidar, a tempo, responsabilidades. Não se dirá, jámais, que não houve nunca quem previsse os desastres, e os proclamasse bem alto, dentro da democracia portugueza. Houve sempre. O partido republicano é que nunca quiz ouvir a voz da verdade e da prudencia ».

Houve sempre! Quem? Nós.

Mais ninguem. No partido republicano não havia mais ninguem. Mais ninguem a falar a voz da razão. Mais ninguem a dar avisos de prudencia. Mais ninguem a revoltar-se contra o facto d'um partido sobrepôr paixões de momento e ancias vergonhosas do poder ao decoro da idéa, á honra dos principios e ao interesse da nação.

O partido republicano não podia, em caso algum, seguir a politica dos partidos monarchicos. Pois não se fundou elle em nome das corrupções, das fraquezas, da falta de ideal e de patriotismo dos partidos monarchicos? Se cahia na mesma politica, era dez vezes, cem vezes mais torpe que os partidos monarchicos. E a todo o homem sério que estivesse dentro d'elle, ou junto d'elle, e que não fosse miseravelmente fraco, assistia o dever de protestar. Era o que nós faziamos!

Nós protestavamos. Eramos o unico a protestar? Eramos. Mas, em compensação, era alto, era eloquente, era tenaz, era vibrante o nosso protesto. Fazia-se ouvir n'esse partido desde 1882, epocha da fundação d'este periodico. E fôra, e era, singularmente eloquente e vibrante em todas as epochas de crise, de vida difficil, em circumstancias perigosas, como em 1890 e no governo de João Franco. Nunca o partido republicano poderá dizer que *não houve quem previsse os desastres, e os proclamasse bem alto*, como diziamos n'esse artigo de 16 de dezembro de 1906, *dentro da democracia portugueza.*

O partido republicano, diziamos n'esse artigo, **commetteu um grande erro.**

Ei-lo ahi provado! Ei-lo ahi, na sua anniquilação. Porque, digam os idiotas o que quizerem, o partido republicano atravessa n'este instante a crise mais grave da sua existencia. O partido republicano está mais do que vencido. O partido republicano está anniquilado. E se houvesse seguido a politica que *sempre* defendemos no seio d'elle, estaria hoje, em republica, governando Portugal.

A monarchia não teria resistido ao embate d'um partido republicano com prestigio e bem organisado. O que salvou a monarchia foi a circumstancia do partido republicano nunca ter conseguido despertar e attrahir a confiança da nação.

Mas ouçamos o resto.

O *Paiz*, n'um artigo de resposta indirecta, mas, evidentemente, dirigida ao *Povo de Aveiro*, entre outras coisas disse:

Se tivessemos adormecido á sombra da tolerancia governamental, se tivessemos passado a tratar da reorganisação partidaria, exclusivamente, quem teria lucrado seria o governo, porque, quando nos dispuzessemos a reagir, toda a obra nefanda do governo estaria realisada e os varios projectos de reforma propostos pelo governo, tornados facilmente leis, impediriam toda a propaganda a que nos abalançassemos.

Respondiamos, em 23 de dezembro de 1906:

Mas quem lhe falou em adormecer á sombra da tolerancia governamental? Quem lhe falou em tratar da reorganisação partidaria exclusivamente?

Como esta gente até na discussão demonstra a sua pouca intelligencia! Porque discutir sem lealdade é, no fim de contas, discutir estupidamente.

Nós dissémos aqui precisamente o contrario. Dissémos aqui bem claro que "*a grande politica seria registar nitidamente, energicamente, todos os erros de João Franco, todos os seus attentados á liberdade, todos os desvios do seu programma. Registar e atacar.* Mas atacar sem **descambar.** *Avançar só o preciso para não recuar.*„ Em que se parece isto com a tal *soneca* á sombra da tolerancia governamental? Em que se parece isto com o tal *exclusivismo* de reorganisação partidaria?

Apenas desejavamos, nós, pelo que nos toca, que os republicanos fossem instrumento da democracia em vez de serem intrumento da reacção monarchica. Porque, afinal, os republicanos, que nunca tiveram um homem politico á sua frente desde que existe partido republicano em Portugal, não teem feito outra coisa, a clamarem intransigencia em todos os tons e por todos os lados, senão servir de instrumento á reacção monarchica.

Como foi que evitaram que se realisasse a tal obra nefanda do governo, a que se refere a gazeta que nos provoca estes reparos?

Como foi que impediram que se convertessem em leis os taes projectos de reforma?

Está-se vendo, é ver-se-ha.

Não conseguiriam mais por outros processos? Talvez. Mas, ao menos, não se diria, era conveniente que não se dissesse, era preciso que não se podesse dizer, que foram elles que lançaram o governo, de mãos atadas, aos pés do Paço.

Só ha, dizia, já, José Estevão, ha muitos annos, duas maneiras de governar: ou com a Praça, ou com o Paço. João Franco parece que teve o desejo sincero de governar com a Praça. Sincero ou não, esse intuito, na apparencia, ficou provado. Mas, sem o apoio directo ou indirecto dos republicanos, nenhum governo, em Portugal, pode governar com a Praça. Deram os republicanos esse apoio a João Franco? Não. Logo, ou indo adeante dos desejos de João Franco, se elle não era sincero, ou compromettendo-o gravemente, se era sincero, forçaram-no a este dilemma terrivel: ou demittir-se, (notem os actuaes leitores do *Povo de Aveiro* que nós escreviamos isto quando João Franco estava ainda longe da dictadura, portanto prevendo claramente o que ia acontecer) ou metter-se, d'olhos fechados, nas mãos do Paço. Em qualquer caso, praticaram habilmente uma obra democratica, ou praticaram desastradamente uma obra de reacção monarchica?

João Franco quiz *inutilisar-nos á força de liberdade.* Era um falso liberalismo? Se nós ganhavamos, que nos importava? Era uma especulação? Mas a quem ia ella prejudicar ou deshonrar? E' unica, esta d'um partido politico se revoltar contra um jogo em que ganha! E' unica, e só podia sahir das cabeças phantasticas que dirigem o republicanismo em Portugal! »

Em 20 de janeiro de 1907, recapitulando o que tinhamos dicto logo que João Franco fora chamado a constituir ministerio, n'um artigo intitulado *Nós bem diziamos*, e a proposito de uma resposta dada na camara por João Franco a Affonso Costa, accrescentavamos:

Assim diziamos, assim diziamos. Assim diziamos, *prevendo tudo*, logo que João Franco subiu ao poder. *Prevendo tudo*, como o proprio João Franco, na resposta dada na camara ao sr. Affonso Costa, a proposito dos acontecimentos do Porto, acaba de demonstrar.

Foram os senhores que me lançaram no campo das violencias. Foram os senhores que fizeram naufragar os meus intentos. Tal é a summula das palavras de João Franco na resposta a Affonso Costa.

E não calam no coração do paiz?

Não calam, dizia-nos ha dias um eminente chefe republicano, que aliás muito prezamos pelo seu talento e pelo seu caracter...

Calam, calam. Oh, se calam! Os senhores é que não sabem, porque os senhores vivem n'um meio que os engana. Os senhores querem aquilatar o pensar do paiz pelo pensar dos republicanos. E dos republicanos *ferozes*, que ainda são aquelles em quem os dirigentes se inspiram. Eis o erro.

Ha no exercito, na magistratura, na burocracia em geral, ha em todas as classes dominantes da nação, muita gente que, sem ser reaccionaria, que, sem ter mesmo affeições monarchicas, acha n'esse ponto razão a João Franco. Muita gente que não applaudiu a attitude violenta e *precipitada* dos republicanos. E eram essas as imprudencias que nós diziamos aqui em 3 de junho aos republicanos que não praticassem, *essas imprudencias que davam pretexto justificado a violencias do poder, essas imprudencias que iriam collocar a monarchia em bom terreno.*

E foram. Porque sobre isso tambem não ha duvidas. Não as pode haver. O governo regressou aos processos de força. Estamos de novo em plena reacção. Passa a lei d'imprensa. Passa tudo. Que forças oppõem a esses attentados os republicanos, que tanto ameaçavam, que davam aos fanaticos a impressão de que traziam no bolso a revolução?

Submettem-se, que não teem outro recurso. Avançaram demais... para recuarem agora. Ficando ainda com a responsabilidade de terem provocado a situação. Eis o erro! Eis o desprestigio, para não lhe chamar desastre!

Desastre enorme! Tamanho, que foi preciso recorrerem a um assassinato para não ficarem inteiramente perdidos desde logo. E nem assim deixaram de cahir na impotencia em que ahi se apresentam ao fim... de dois annos!

Desengane-se o paiz todo, e só pretendemos levar-lhe ao espirito essa convicção: o partido republicano é, na sua grande maioria, na sua enorme maioria, um partido d'arruaceiros, de matulões, de canalhas, com uma pequena fracção de nephelibatas á mistura.

Não esperem d'elle coisa alguma. Não tenham essa illusão. Não commettam essa tolice.

Para o partido republicano só ha um recurso. Bordoada. Muita bordoada. De cahir. De rachar.

Soubesse-lh'a dar o João Franco, soubesse-lh'a dar o rei, que desconheciam inteiramente a canalha com quem lidavam, como a desconhecem ainda a maior parte dos monarchicos, e *outro gallo lhes cantara.*

Alpoim... escamado

Escamadissimo. No seu *Janeiro*, de quinta feira. Escamadissimo. Porque as gazetas pagas pelos jesuitas — nós devemos entrar na conta — *instigam as perseguições do Juizo Criminal, excitam a todas as violencias contra os elementos avançados da politica portugueza, e fazem delações.*

Contra os elementos avançados da politica portugueza é como quem diz: contra os malandros que mataram e mandaram matar dois homens no Terreiro do Paço e um homem em Cascaes.

E' um crime politico assassinar, seu bisborria? Matar o rei foi *acto patriotico* e foi *honra democratica.* E matar um desgraçado proletario, que só pedia que o não deixassem morrer de fome por o terem mettido na *rascada* do cartuchame? Um desgraçado proletario, que deixava viuva e filhos entregues ás negras contingencias da miseria? Um desgraçado proletario, que se prestava a ir para o Dondo, ou pr'o inferno?

E' essa a justiça, é essa a fraternidade, é essa a **solidariedade** dos *elementos avançados* da politica portugueza, seu bisborria?

Porque é agora obra de delação dar vestigios e indicios á policia, dar-lhe informações, relativamente aos crimes do Terreiro do Paço e de Cascaes, e não é obra de delação fazer reportagem verdadeiramente policial quando o criminoso é algum grande desgraçado, como faz o *Seculo*, o *Mundo* e o *Dia*, orgãos dos elementos avançados?

E' essa a *egualdade democratica*, seu bisborria?

Não era obra de delação, e de ignobil delação, essa, fazer-se conspirador, como pretendia o Rodrigues, o pulha rabiscador do *Mundo*, quando da supposta *conspiração dos frades*, para vir cá para fóra atraiçoar os frades, contando o que lá dentro se passasse?

Miseraveis! Grandes miseraveis!

Como sempre, uma moral para elles e uma moral para os outros. Virtude n'elles, o que é crime nos outros.

Para elles, tudo. Para os outros, nada. A elles tudo é permittido. Até roubar! Até matar! Aos outros nada é permittir. Nem piar!

Deixa estar que á nossa porta podem vocês bater á vontade.

Estão bem entregues. Assim nós não vos conhecessemos, de ha muito, as manhas todas!

Regicidio

Fez no dia 1 dois annos que foi morto o rei D. Carlos e seu filho, o principe real. Botaram artigo commemorativo as gazetas monarchicas. E já choram, os miseraveis!

No dia 1 de fevereiro de 1908 ninguem chorou!

Agora já ha saudades do monarcha! Já o crime foi um crime horroroso! Já o tyranno tinha virtudes, notaveis qualidades! Em 1908 apregoou-se... carne fresca de cevado!

E' que em 1908 a *aurora da redempção* illuminava os céos. E agora... vae o sol no seu occaso!

Tal e qual como em 1891. Tal e qual como sempre. A canalha! A escoria humana! Os miseraveis!

Em 1891 desunhavam-se os rabiscadores do *Primeiro de Janeiro*, ás primeiras noticias da revolta, a fazer o artigo em que era saudada... a *aurora redemptora*... a *pura luz da madrugada!* Em 1891 arriavam os negociantes do Porto, a correr, envergonhados, as taboletas da porta onde se diziam, impando d'orgulho e d'interesses, ainda na vespera, fornecedores de *suas majestades.* Mas horas depois, o *Primeiro de Janeiro* deitava ao fogo o artigo em que era saudada a *aurora redemptora*, a *pura luz da madrugada!* Mas horas depois, os negociantes tornavam a içar, a correr, a *ver se ninguem dava por ella*, a taboleta de fornecedores... de *suas majestades!*

A escoria humana! Os miseraveis! A canalha!

Em 1898 os heroes eram o Buissa e o Costa. E o rei... o juiz de Mortagua! Quem matou o homem? Foi Mortagua!

Eu nunca me hei de esquecer, escrevi-o logo, no momento, da terrivel impressão que me causou a tragedia do Terreiro do Paço, e, sobretudo, o enterro das victimas: o principe e D. Carlos. Tudo aquillo era medonho. Medonho de selvajaria! Medonho de crueldade! Os extrangeiros descreveram-nos como um povo cruel, vil, cannibalesco. Os extrangeiros menos suspeitos d'opiniões reaccionarias. Os mais conhecidos pelas suas idéas avançadas. O director da *Revue*, por exemplo. Jean Finot. E como elles tinham razão!

Eu estava no Largo do Pelourinho a ver desfilar o cortejo. Era tal e qual como se alli fosse, morto, um cevado! Veio-me á memoria a historia da morte do Ferreiro, da Varzea da Candosa. O Ferreiro foi apanhado por um tiro, disparado á traição, que lhe quebrou um braço. Conseguiu fugir aos golpes e vistas dos assassinos e metter-se em casa d'um amigo. Chamado um barbeiro para o tratar, o barbeiro denunciou-o. Os assassinos, sabendo que o homem se não podia mexer, vendo impossivel, portanto, a sua fuga, que, aliás, preveniram pondo sentinellas em roda da casa, foram primeiro cear. Grande ceia. Frangos, gallinhas, chouriço e vinho á farta. Concluida a ceia, era meia noite, mãos á obra. Entram em casa do sapateiro, onde se havia acolhido o Ferreiro, e onde jazia inutilisado. Accendem a luz. Cercam a victima. E João Brandão, o amigo do Rodrigo da Fonseca, e por conta de quem, e a instancias de quem, como já vimos, matava o Ferreiro da Candosa, embora seu inimigo figadal, dá-lhe o primeiro tiro. Segundo tiro, o *Anginho*, de quem descende em linha recta o Affonso Costa. Tiro que entrou pela garganta e sahiu pela bocca do desgraçado. Depois, os outros. Foi um fartar!

Seguidamente, Ferreira, morto, é atado sobre uma egua, como um porco, e ahi vae o cortejo, estrada fóra, de Bemfeita para a Cruz de Anceriz, apregoando pelo caminho:

Marrã fresca! Marrã fresca! Quem quer marrã fresca?

Esta era, precisamente, a attitude de Lisboa com D. Carlos. No ar d'aquelle povo, n'aquella alegria, no applauso quasi unanime ao infame assassinato, na apotheose dos regicidas, feita por toda a gente, até pelos *poetas*, os homens do *amor*, da *fraternidade*, do *perdão*, como Guerra Junqueiro, de quem n'outra parte contamos uma interessantissima historia, na romaria ao coval do Buissa e do Costa, sentia-se reviver o espirito assassino, cruel, cannibalesco, dos bandidos que mataram o *Caca*, e o Ferreiro da Varzea da Candosa.

Torna-se a falar, — vimos isso esta semana n'uma gazeta, na do sr. Teixeira de Souza, se não nos falha a memoria, — na *ternura do coração*, e na *bondade* do povo portuguez. Charlatães! E idiotas!

A ternura de coração, a bondade do povo portuguez, já tão revelada na selvajaria de costumes que por ahi se nota a cada passo — ainda n'outro dia, ha bem poucos dias, a mesma gazeta do sr. Teixeira de Souza revelava o facto espantoso dos officiaes superiores da marinha franceza acudirem a um pobre desgraçado que, n'um ataque d'epilepsia, rasgava o fato e as carnes na calçada, no meio da indifferença *absoluta* de toda a gente que estacionava perto do local e que passava — a ternura de coração, a bondade do povo portuguez, já tão revelada na selvajaria de costumes, em crimes crueis, d'uma espantosa crueldade, e repetidos d'uma forma assombrosa, que se praticam a cada passo em todas as partes do territorio nacional, a ternura de coração, a bondade do povo portuguez, demonstrada historicamente nos crimes dos miguelistas e dos constitucionaes, na barbaridade de que deram provas os miguelistas e na barbaridade ainda maior de que deram provas os constitucionaes, acabou de se accentuar, de se affirmar, *raiz da velha planta que rebenta assim que bebe um raio de sol*, na maneira porque se planeou, executou, e foi recebida pelo publico, a tragedia do Terreiro do Paço.

D. Carlos não era bom, como sempre temos dicto. Tinha defeitos graves. Mas era muito melhor e tinha muito mais qualidades do que aquelles que o mataram. Mas mataram-no precisamente quando elle procurava metter na ordem as quadrilhas partidarias. E só por isso o mataram.

D. Carlos não era bom, mas talvez tivesse sido bom, talvez tivesse sido um grande rei, porque tinha qualidades, porque tinha estofo para isso, se desde o principio do seu reinado o houvessem cercado homens honestos, com amor ao seu paiz e capazes d'um governo de seriedade e de verdade. A psychologia d'esse homem está por fazer. Não se comprehendeu ainda esse homem. D. Carlos era auctoritario. Mas o auctoritarismo é a base essencial, n'um homem d'acção, como tem de ser o homem publico, de todas as grandes qualidades. Nem todos os bandidos são auctoritarios. O Cunha e Costa não é auctoritario. Alexandre Braga não é auctoritario. Não o chega a ser o Margarido. E não o é completo o ladrão do Affonso Costa. Mas nunca deixou de o ser, não pode deixar do o ser, um verdadeiro homem d'estado.

O pulha nunca é auctoritario. Nem o pulha desavergonhado nem o pulha de bem. O pulha, ou o pulha desavergonhado ou o pulha de bem, *grama*. A qualidade essencial do pulha de bem é *gramar*. Mas o homem de caracter nunca *grama*. O homem de caracter é sempre essencialmente intransigente, essencialmente auctoritario.

A que se chama auctoritarismo, afinal? Não confundamos. O que se chama para ahi auctoritarismo é, no fim de contas, a *affirmação da vontade*. Os *liberaes*, os *democratas*, na sua condemnação estupida do auctoritarismo, não fazem mais que fulminar a qualidade capital do caracter, que é a vontade. A vontade pode-se exercer em mau sentido. Mas pode-se exercer em bom sentido. De qualquer forma, apparece a auctoridade. Eu revolto-me contra os bandidos. Eu não transijo com relaxamentos, vicios, poucas vergonhas. Com nenhum relaxamento, com nenhum vicio, com nenhuma pouca vergonha. Sou um auctoritario! E um mau homem! Mas metto-me em casa, como Manuel d'Arriaga, ou limito-me a parolar romantismos, como Antonio José d'Almeida, e sou um homem de caracter. *Gramo*, como o João de Menezes e como o Brito Camacho, e sou um **homem sério.** Não só transijo como festejo, applaudo, insenso, exalto todo o fiel patife que apparece e seu... **um democrata.**

Esta é, n'uma terra de tanto pulha e de tanto imbecil como a nossa, a comprehensão geral do caracter.

Em regra, um *bom homem* não tem nenhum caracter. E por isso a sabedoria das nações vae dizendo: *Deus me livre dos bons; com os maus é que eu me quero.* D. Carlos era voluntarioso, naturalmente. Eu já li algures que o não era. Mas não pode ser. Era. Estava no seu feitio, no seu temperamento. Nenhum homem d'aquella indole deixa de o ser. Mas tambem nenhum homem d'aquella indole deixa de ter grandes qualidades.

Se D. Carlos encontrasse homens em volta de si, em vez d'encontrar imbecis, ladrões, especuladores, pulhas, D. Carlos seria um rei excellente. Tinha todas as condições para isso. Mas não vendo nos politicos que o cercavam senão imbecis e tratantes, desprezou-os e abusou. Parece que D. Carlos não era brutal nem grosseiro com os ministros. Mas o que é evidente, o que resalta de todos os seus actos, é que os desprezava. Mais intelligente e com mais caracter do que elles todos, com mais envergadura, com mais individualidade, olhava-os com manifesto desdem. E limitando as suas imposições a todas as medidas especialmente destinadas a defender o throno, e dirigindo quasi exclusivamente a politica internacional, que dirigiu optimamente, a politica interna deixou-a inteiramente á discreção dos bandidos. Fez o papel d'um morgado rico, que esbanja e deixa esbanjar. Que vê que é roubado, mas que se limita a olhar com absoluto desprezo os procuradores ladrões.

A comparação não é inteiramente exacta, porque o paiz não era, não podia ser, um morgadio para D. Carlos. Mas exprime bem a idéa que quero significar.

Não ha comparação nenhuma entre D. Carlos, Visconde da Ribeira Brava, Centeno, Alpoim, Ressano Garcia, José d'Azevedo, Affonso Costa, emfim, todos os grandes bandidos da politica republicana e da politica monarchica. Elles pretendem que D. Carlos era ladrão e devasso. Seria ladrão e devasso. *Mas muito mais ladrões, mas muito mais devassos eram elles, sem terem nenhuma das qualidades que distinguia o rei que elles mataram.* Depois, por mais ladrão e por mais devasso que fosse, D. Carlos accordou, n'um momento dado, em deixar de ser ladrão e devasso.

N'um momento dado, D. Carlos fez um esforço para metter a ordem, a disciplina e a honestidade na administração publica, roubada e desorganisada. Ou fosse feliz ou infeliz nos processos empregados, *é preciso fazer inteira justiça aos seus intuitos honestos.* E foi quando elle se procurava emendar, que os bandidos o mataram.

Deshonesto, servia aos miseraveis. Era como os miseraveis o queriam, era deshonesto, ladrão, devasso. Assim, convinha-lhes. Assim, não era dictador, não era auctoritario. Assim, não attentava contra a constituição, contra a liberdade. *Pelo contrario, incitavam-no a que fosse mais ladrão, mais deshonesto, mais devasso. Incitavam-no a que rasgasse, rasgasse mais, rasgasse sempre, sem medo, sem pudôr, a carta constitucional. A que mandasse pr'o diabo a liberdade.* Mas queria mudar de rumo? O que havia de ser dos ladrões, se elle deixasse de ser ladrão? O que havia de ser dos devassos, se elle deixasse de ser devasso?

Queria prestar attenção aos negocios publicos? O que havia de ser dos especuladores, que nunca

quizeram saber senão dos seus negocios particulares?

O Alpoim, ou a gente do Alpoim, o Affonso Costa, ou a gente do Affonso Costa, a matar o rei em nome da *moralidade publica*, é d'aquelles attentados que fazem clamar eternamente a historia. E' d'aquellas affrontas á justiça que até arrancam da sua mudez e da sua insensibilidade as arvores das florestas e as pedras das calçadas.

O grande ladrão que se chama Affonso Costa, não só vergonha d'esta terra, como tão monstruosamente cynico e bandalho, tão monstruosamente criminoso e vicioso que é vergonha da propria humanidade, elle, o prostituto abjecto que se chama Franca Borges, o cavalheiro d'industria, o pierrot, o charlatão, o safado, o **anão,** *myope no corpo e na alma*, que usa o nome de Cunha e Costa, transcreviam ha dois dias, para exaltar o Buissa e justificar o assassinato, as palavras que um jornal italiano escreveu, na occasião, sobre a tragedia do Terreiro do Paço. Pois eis ahi a vossa condemnação! O jornal italiano não conhecia o Alpoim, o Centeno, o Padua Correia, o Arthur Leitão, o Margarido, o Cunha e Costa, o Affonso Costa. Não conhecia o proprio João Pinto dos Santos e o proprio Bombardino Rachado. Não sabia quanta falta de sinceridade, de honra, de virtude, representam quasi todos os homens que andam mettidos na politica em Portugal. Não sabia que a bandeira da revolução cobre a mercadoria mais nojenta, mais podre, mais avariada.

O jornal italiano julgou que nunca tinha havido dictadores em Portugal. *Que não se podia escrever, que não se podia falar, que não se podia respirar. Que estavam as prisões atulhadas de gente, e que os presos eram tratados a chicote. Julgou aqui Montjuick e a Siberia.*

Eis a vossa condemnação, miseraveis!

O jornal italiano julgou que os assassinos eram os filhos da fome, da dor, da miseria, matando, desesperados!

Se o jornal italiano conhecesse a politica caseira, *elle, todos os jornaes, e todos os homens que na Europa justificaram o attentado, teriam erguido um grito de protesto e horror.*

Paiz de macacos, não ha duvida que a imitação da Russia e d'outros paizes revolucionarios concorreu muito para o desastre. *Estes macacos quizeram tambem os seus tyrannos. Estes macacos forjaram tambem tyrannias na cabeça dementada. Estes macacos viram Siberias na Outra Banda o Montjuichs no Largo do Carmo.* N'esta terra, por isso mesmo que isto é uma sociedade dementada, allia-se sempre o burlesco ao tragico. Era tragica a morte do rei. Era comico o Affonso Costa a escrever as *memorias do carcere.* Miseravel paiz de bandidos! Miseravel paiz de macacos!

Essa imitação pelintra, ignobil, que caracterisa todos os homens e todos os povos inferiores, concorreu, sem duvida, para lançar nos braços dos bandidos monarchicos alguns idiotas revolucionarios. Mas não serviu, essa mescla, essa tinta vermelha em borra, senão para tornar mais sujo e asqueroso o quadro. Quasi todos os quadros n'esta terra regulam [illegible] pela *tela do Grandella.* Aspirando ao *heroico* ou á tragedia sem nunca perderem o seu fundo de burlesco ou comedia.

Esses anarchistas, soi-disant anarchistas, que se envolveram nos acontecimentos de que resultou a morte de D. Carlos, são a vergonha, a ignominia do revolucionario. O anarchista, surge da fome, da miseria, do soffrimento, da dor. Não surge do bolso do João Pinto dos Santos, do Alpoim, do Affonso Costa, ou do Alberto Navarro. O anarchista é inimigo de todo o burguez. Não faz jogo de burguez contra burguez. O anarchista é doido. Mas não é um assassino vulgar. O verdadeiro anarchista. E não o bandido, o malvado, sem ideal de qualidade alguma, que vae buscar a etiqueta anarchista para disfarçar sentimentos perversos, instinctos de fera, a mais primitiva e selvagem animalidade.

O crime do Terreiro do Paço foi um crime commum. *O mais horroroso crime commum.* Tão horroroso que visava á inutilisação d'uma familia inteira, o justo, com plena consciencia dos bandidos, pagando pelo peccador. *O mais abjecto crime commum, porque foi um crime d'ambiciosos, de ladrões, que procuravam inutilisar os que, no momento, não só se oppunham á satisfacção dos seus vicios e crimes, como ameaçavam inutilisa-los para uma futura vida viciosa, criminosa. O mais revoltante crime commum, porque foram bandidos a matar em nome da moralidade, da verdade, e da justiça.*

E' preciso prova-lo á Europa. Prova-lo ao mundo. *E só se pode fazer prova quando se tornar publico todo o trama que ainda está occulto.*

Venha o trama!

Faça-se luz!

Luz que illumine a innocencia dos que são innocentes e a criminalidade dos que são criminosos.

Está innocente Alpoim e a sua gente?

Estão innocentes os republicanos?

O crime foi da unica iniciativa e responsabilidade do Buiça e do Costa?

Pois bem. Faça-se luz, a sério

Restabeleça-se, a sério, muito a sério, a verdade.

Só a verdade!

A reunião republicana

O que nos admira é a importancia que os monarchicos deram á ultima reunião republicana. Os monarchicos que são monarchicos, é claro. Porque, como sempre temos dicto, a grande, a enorme maioria dos politicos que se dizem monarchicos, não são monarchicos. E a grande, a enorme maioria dos que se dizem republicanos, não são republicanos. São bandidos. Só! Mais nada!

Os republicanos exploram hoje a monarchia de cumplicidade com os monarchicos. Os monarchicos exploram amanhã a republica de cumplicidade com os republicanos. Uns auctores. Outros cumplices. E' a unica differença.

Os republicanos só perdem por excepção. Perdeu o sr. Antonio José d'Almeida os cobresitos que ganhou em S. Thomé. Quem mais?

O Menezes, se não ganha rios de dinheiro como advogado é porque é, sempre foi, um mandrião. De resto, mesmo sem ser um grande tratante como o Affonso Costa, ganharia um dinheirão. Ser republicano é hoje o melhor de todos os reclames.

O Silva Graça fez-se millionario... como republicano. O Affonso Costa tem *arranjado* centenas de contos como... republicano. O borrabotas do França Borges, que é uma besta, nunca passaria de dezoito mil réis mensaes n'um jornal monarchico se não fosse... republicano. O Cunha e Costa talvez já estivesse na Penitenciaria, como cavalheiro d'industria, se não fosse... republicano. O Arthur Leitão e o Padua Correia esses estariam ha muito tempo, com certeza, nas costas d'Africa, se não fossem... republicanos.

Quem disse bem foi o *aspirante de fazenda... monarchico até vêr.* Esse é que disse bem. Ser quadrilheiro da quadrilha republicana é, para tudo, a melhor das recommendações hoje em Portugal.

Então não veem o Neves? O Camello? O novo heroe do crime de Cascaes?

Ladrões colligados, não ha, em politica, outra coisa em Portugal. Hoje os monarchicos no poder, amanhã os republicanos, mas comendo todos na melhor harmonia e da mesma gamella, embora mostrem os dentes uns aos outros para enganar... os papalvos.

Isto é tudo para inglez vêr. Inventou a phrase o camaleão do Fuschini, que é, exactamente, a expressão mais genuina da idéa que a sua phrase define.

Ora para inglez vêr foi ainda a reunião magna da republica. *Para inglez vêr!* D'alli não sahia nada, porque nunca sahiu coisa nenhuma—isto é, sahe sempre asneira, mas essa já se não conta— das reuniões republicanas. D'alli não sahia nada e nem se fez para sahir d'ella coisa alguma. Nem elles chegam mesmo a saber para que a fizeram. Examinem bem e verão que nem elles mesmos, desde o directorio até ao Trinta, ou o Maduro, souberam para que se reuniram!

Garantimos aos leitores—ninguem os conhece como nós— que nem elles sabem, nenhum d'elles! para qua se reuniram!

Mas a graça dos monarchicos, a graça dos monarchicos! A graça, para lhes não chamar parvoiçada! Que patetas! Então não dividiram a cambada em partidarios dos mais revolucionarios e partidarios dos mais pacificos? E os partidarios dos mais pacificos, para elles, não são o Bazilio Telles, o Theophilo Braga, o Duarte Leite, o Camacho e o João de Menezes?

O Bazilio Telles! Que patetas!

O Duarte Leite! Que grandes patetas!

O Theophilo Braga! Que grandes patetas!

Por isso nós estamos sempre a dizer: e não ha um raio do céo ou do inferno que os parta, a todos elles!

Isto só um raio! Só um terremoto! Só um cataclismo cosmico, como diria o França Borges a escrevinhar no *Mundo!*

Para este paiz só ha um remedio: o chão abrir-se e enguli-lo!

O Bazilio! O conspirador eterno!

O Theophilo, que, fazendo parte do directorio de 1891, assignava com os seus collegas circulares recommendando prudencia aos agitadores e conspiradores, ao mesmo tempo que escrevia ao Santos Cardoso: "Ande lá para deante, que eu cá estou de *guarda a elles!*„

O Duarte Leite, que sempre se riu *olympicamente* dos processos pacificos!

E o proprio Camacho, que escrevia na *Lucta*, sobre João Franco: "*Havemos d'obriga-lo ás transigencias que rebaixam, ou ás violencias que compromettem.*„

E são estes os partidarios dos processos pacificos!

Elles só teem uma norma: *a desordem.* Todos elles! Elles só teem um processo: a *arruaça.* Todos elles! Elles só teem um objectivo: a *gamella do poder*, o *queijo do poder*, a *mesa do orçamento*, o *erario.* Todos elles! E em todos elles só ha uma coisa séria, duradoira, consistente: o *odio que teem uns aos outros!*

Mais nada!

Fóra d'isso, agora resolvem uma coisa, logo outra; hoje pensam assim, amanhã assado; n'este momento estão com Pedro, d'ahi a pouco estão com Paulo. Ventoinhas, cabecinhas, patetinhas. Por isso mesmo, o remedio efficaz seria o que temos aqui recommendado: *porrada e agua á jarra.*

Não lh'a deu o João Franco, não lh'a deu o rei, senão... *outro gallo lhes cantara.* Com esta gente não se promette, não se finge que se lhe dá, dá-se-lhe. Ai de quem faz cerimonia com a canalha! Ai de quem poupa a canalha! Ai de quem quer luctar com ella de luva branca ou seguindo as regras do *bom tom.* Está perdido. Porrada para cima! Por uma pá velha! De crear bicho! E' o unico *douche* para a canalha. Então, sim, voltam a si. E quando não tomam juizo por uma vez, ficam para muito tempo tranquillos.

Porrada e agua á jarra. Não se illudam. Por alguns dizerem umas *coisas tesas*, julgam que ha divergencias entre elles? Ha. Mas de pessoas. Por mais que os farçantes se digam unidos, estão e estiveram sempre desunidos. Nobremente, não rompem nunca uns com os outros. Mas por baixo da capa, é facada que fer...e.

Elles são, em tudo, *faquistas.* Pois porque protegem elles tanto os assassinos de Cascaes? Pois porque exaltam elles mais a memoria do Buissa que a de Camões, Garrett, João de Deus, ou Herculano? Porque, no fundo, todos elles são faquistas. Todos! Até o Theophilo Braga, que nunca achou em coisa alguma tanto prazer como em dar uma... facadinha.

Facadas, facadas, é que, na ultima reunião, jogaram uns aos outros O que pareceu, a alguns ingenuos monarchicos, differença d'opiniões e de processos, foram simples facadas atiradas uns aos outros.

No fundo são todos eguaes: desordeiros, assassinos, faquistas, querendo o poder pelo poder, incapazes de se elevarem acima dos instinctos bestiaes da plebe ignara, insusceptiveis d'um acto rasgado de patriotismo, da defesa nobre e aberta d'uma idéa.

Porrada e agua á jarra. Não se fiem em cantigas. Elles só teem uma força: a força da canalha. Vejam a gente que de todos os pontos do paiz elles levaram á reunião. Geralmente bandidos ou homens sem prestigio nenhum nas localidades. Acuam deante d'elles? Mostram-lhes medo? São leões! Mas resolvem-se a cahir-lhes em cima, decididos? São fumo! A canalha é assim.

Porrada e agua á jarra.

Senão... fiem-se na Virgem e não corram. Verão o resultado!

Villaça vae nomear Borracho para a commissão de limites. O' da guarda! E diz-se que para salvar Moraes Sarmento de ser attingido pelo limite d'edade. |O' da guarda!

Falaremos de Villaça, Moraes Sarmento e Borracho.

BANDIDOS

O *Cornetim da Margarida*, de terça-feira ultima, festejando o anniversario da morte do rei, e exaltando mais uma vez os regicidas, transcrevia umas baboseiras dos jornaes italianos *Regione* e *Tribuna*, que nada conheciam nem conhecem da vida portugueza, e que, sobretudo, ignoram a qualidade dos nossos bandidos politicos. Não sabem que dantes havia em Portugal uma coisa que se chamava *Pinhal d'Azambuja.* Que esse pinhal estava cheio de bandidos que assaltavam os transeuntes. Que estabelecido o caminho de ferro, faltou ao pinhal a freguezia. E que os bandidos, caminhando na proporção do progresso, puzeram gravata, aprenderam a ler, emfim, cultivaram o corpo e o espirito, e fizeram-se poetas, escriptores, jornalistas, oradores, advogados, medicos, deputados, funccionarios civis e militares, etc., espalhando-se por todo o territorio nacional, inçando o paiz todo. Aqui succedeu o contrario do que succedeu na Italia. Na Italia, com o progresso diminuiram os bandidos. Em Portugal, cresceram. Isso é que ignoram os jornaes italianos, e d'ahi, a proposito da morte do rei D. Carlos e seu filho, as baboseiras que disseram. Dantes os bandidos só roubavam e matavam em Portugal nas estradas desertas e pinhaes densos ou occultos. Agora roubam e matam nas casas, nas secretarias d'estado, nos consultorios, nas lojas, nas camaras, nas ruas e praças publicas, á luz do dia.

Alem das palavras italianas, o infamissimo pasquim, orgão de prostitutos e prostitutas, de bebedos e rufiões, do excelso e nunca esquecido e sempre decantado general Borracho, e dos que vão de focinhos abaixo como o Borracho, publicava, em normando, e em normando seguem, mais estas palavras, escriptas pelo poeta Guerra Junqueiro na occasião da tragedia do Terreiro do Paço:

Mataram? E' certo. Ferozes? Sem duvida. Mas crueis por amôr, ferozes por bondade. Os que matam por amôr, sacrificando o proprio corpo, são duros, mas são bons.

Ora muito bem. Queiram então os leitores ouvir esta historia.

In illo tempore houve em Lisboa um cidadão chamado José dos Santos Liborio. Cidadão illustre.

José dos Santos Liborio, cidadão illustre, foi dono d'uma coisa que se chamava *Empreza Liquidadora.* Essa coisa existia na *Avenida da Liberdade*, n.os 28 e 48.

Tinha um orgão, a coisa e o coiso. Com cabeça illustrada, muito linda, e o euphonico titulo de *Salão de Vendas.*

Temos presente o n.o 14 do orgão. Que começa por um artiguinho intitulado *Visitas regias.* Artiguinho que reza assim:

Por varias vezes teem os Augustos Soberanos, durante as ultimas semanas, honrado as salas da Empreza Liquidadora, visitas estas que a imprensa diaria opportunamente registrou, noticiando mesmo a acquisição d'alguns objectos d'arte e antiguidades por parte de Sua Magestade El-Rei e de Sua Augusta Esposa.

Constam estes objectos, dos quaes adeante publicamos as photogravuras acompanhadas da respectiva descripção, de verdadeiras preciosidades archeologicas, d'um alto valor historico e estimativo, e alguns mesmo, como o capacete arabe, exemplares desconhecidos até mesmo nos museus.

Congratulando-se, portanto, pela honra da regia visita, a Empreza Liquidadora não se congratula menos pelo facto de terem sido adquiridas pelos soberanos, conservando-se assim no paiz, peças de tão alto valor e que lastima seria sahissem d'elle. Tanto mais que para este resultado tem a vangloria de ter concorrido quanto n'ella coube, desprezando offertas importantes (era mentira — n. da r.) que lhe foram dirigidas por parte d'extrangeiros.

Tanto a collecção d'armaria como a de bahús e cofres gothicos, adquirida integra a primeira, por El-Rei, e d'estes comprados grande parte por Sua Magestade a Rainha—são unicas não só no paiz como em toda a Peninsula hispanica, abonando assim a compra não só o subido criterio artistico como os conhecimentos especiaes, bom gosto e patriotismo dos régios compradores.

Pelas gravuras que adeante inserimos e para as quaes chamamos a attenção dos nossos leitores, poderão as pessoas que não tiveram ensejo de concorrer á exposição avaliar do valor dos objectos adquiridos por Suas Magestades.

Não esqueçam. **Eram verdadeiras preciosidades archeologicas. De um alto valor historico e estimativo. Algumas, como o capacete arabe, exemplares desconhecidos até mesmo nos museus.**

Exemplares desconhecidos até mesmo nos museus! Exactamente.

Tão grande acontecimento não podia deixar de ser celebrado pela imprensa periodica. E o *Diario de Noticias*, n.o 11:516, de 3 de janeiro de 1898, sob o titulo — *Preciosidades artisticas*, dizia:

Tem sido concorridissima a romaria aos Salões da Empreza Liquidadora na Avenida da Liberdade n.os 28 a 48, para admirar a magnifica collecção de objectos antigos, alguns de alto valor historico, ali em exposição.

Entre a preciosa collecção destacaremos um capacete arabe em ferro lavrado com incrustações de ouro e legenda perfeitamente comprehensivel, exemplar unico e precioso ao ponto de não figurar nos catalogos d'armaria nem constar haver igual nos museus nacionaes e extrangeiros.

Teve já a offerta de um conto de reis por parte de extrangeiros, ao que nos consta (sempre mentira. n. r.)

Alem d'esta magnifica peça, vimos uma arma de fogo italiana do seculo XVI marchetada de marfim em magnifico estado de conservação e exemplar originalissimo; meia armadura de ferro portugueza que fez parte da collecção do infante D. Sebastião; uma espada de sisella D. João IV gravada em ferro, etc., etc.

Ainda nas sallas do importante estabelecimento se acha exposto um primoroso *tapete persa* muito antigo e offerecendo a raridade de ser branco e preto cores estas de que existem muitos poucos exemplares.

Em 9 de janeiro, continuava, sob o titulo *Empreza Liquidadora*, o mesmo *Diario de Noticias:*

Foram adquiridas por el-rei as antigas e preciosas armas que ha dias aqui referimos acharem-se em exposição na Empreza Liquidadora na Avenida da Liberdade 28 a 48.

Visitando hontem mais uma vez este magnifico estabelecimento, o monarcha, alem da collecção d'armas a que acima nos referimos e que só são remettidas para a armaria real na segunda feira ficando ainda hoje ali expostas, adquiriu ainda muitos outros objectos, entre os quaes um originalissimo tapete persa a que tambem alludimos ha dias.

E' claro que só temos que nos congratular por ficarem no paiz tantas preciosidades, serviço este que, justo é dizer-se, se deve em grande parte ao gerente da Empreza Liquidadora, o nosso amigo José dos Santos Liborio, pois tendo para ellas importantes offertas extrangeiras (sempre mentira...) todas recusou no patriotico intuito (Em Portugal... quasi todos os patriotas são assim...!) de promover que ficassem como ficam no paiz.

Emfim, em 13 e 15 de janeiro, em 1 e 2 de fevereiro, do mesmo anno, o sempre mencionado *Diario de Noticias* concluia por referir que a rainha D. Amelia adquirira as outras... *preciosidades artisticas.*

Sendo o Liborio, como era, um *grande artista*, é claro que o *mise en scéne* não se limitou aos réclames dos jornaes e ás grandes mentirolas que elles continham. Não. As *preciosidades archeologicas*, as *raridades artisticas*, foram postas n'um dos salões da Avenida. Mas a respeitavel distancia dos olhares investigadores dos amadores e entendidos! Magestaticamente em pedestaes. Depois um cordão, a alguns metros de distancia. Para que as não roubassem, dizia-se. Paiz de bandidos!

O tapete persa, esse então estava guardado de forma a não poder ser profanado nem pelos olhares dos que se deliciam com os fortes coloridos das tapeçarias da Persia. Ninguem o havia de ver, sem que primeiro o visse o chefe do Estado, que tinha sido convidado e *era entendido!*

D. Carlos foi. Visita *à vol d'oiseau*, comprehende-se. E comprou quasi tudo. A rainha D. Amelia comprou o resto. Os dois compraram tudo.

Pelo tapete deu a magestade sete contos de reis. Pelo capacete um conto e duzentos mil reis. Pela pistola 800$000 reis. Outros objectos, ainda, e assim ficaram enriquecidas as *importantes collecções do rei* em objectos no valor de... nove contos e pico.

Oiçam!

Querem saber onde foram parar as *preciosidades archeologicas*, as *raridades artisticas?*

A's caves do Palacio das Necessidades!

Querem saber o destino do famoso tapete persa? Servia de capacho aos serventes e pedreiros que trabalhavam nas obras das Necessidades!

Querem saber para que serviu o decantado capacete, tão *raro* e tão *historico* que *nem os museus o conheciam?* Para penico! Mijavam n'elle os pedreiros e serventes das obras das Necessidades! Desleixo do rei ou dos empregados da casa real? Não. O rei viu que o que julgára bom e verdadeiro, e tinha pago por bom metal sonante, não passava de torpes imitações, sem nenhum valor real e sem nenhum valor estimativo.

Quem foi o grande cigano que assim conseguiu intrujar o rei D. Carlos?

Oiçam!

Foi o poeta Guerra Junqueiro!

Mataram? E' certo. Ferozes? Sem duvida. Mas crueis por amôr, ferozes por bondade. Os que matam por amôr, sacrificando o proprio corpo, são duros, mas são bons.

Nós já sabiamos, ha muito, esta historia. Hesitavamos em a tornar publica. Um homem que honra a litteratura nacional...

Mas justiça e verdade acima de tudo. Mas a citação do Margarido fez, mais uma vez, transbordar a indignação de que andamos, ha muito, possuido. Contra o poeta, contra todos os poetas, contra todos os luminares, contra todas as estrellas, contra todos os bandidos! Bandidos! Um paiz, um povo, pode viver honestamente sem poetas. Mas não pode viver inçado de bandidos!

Já o outro, o João Arroyo, o musico, falava nas aguas do Bosphoro e trovejava nas camaras contra o sultão... d'esta nova Turquia. Porque? Porque o sultão não lhe perdoava o roubo dos tapetes. E nem o sultão sabia tudo!

Um dia, appareceram na mesma empreza liquidadora, do mesmo Liborio, uns reposteiros de reps de seda vermelha, que Antonio Centeno disputou, mas que João Arroyo comprou. Arroyo quiz mais dois. Eram precisos mais dois para a sala para que elle os destinava. Falou-se ao depositario, que era um fulanorio do Paço. O fulanorio não só arranjou mais os dois, como mais dois fauteuills, um sophá e 6 cadeiras. Tudo roubado aos palacios reaes! E sabendo Liborio que vendia objectos roubados e Arroyo que comprava... objectos roubados!

E só era ladrão... o rei dos adeantamentos! E á morte, porque era ladrão... o rei dos adeantamentos!

Bandidos!

Devemos observar que os taes objectos, as taes *preciosidades archeologicas*, as taes *raridades artisticas*, que nem os *museus conheciam*, não figuraram em nome de Guerra Junqueiro. Ao passar-se a cautella d'entrada mandou o Liborio que se escrevesse o nome de M. J. Souza Nogueira, que servia para encobrir... todas as ciganices. Se era pessoa de *confiança publica*, como Palha, Teixeira d'Aragão, Daupias, Gomes (do Porto) etc., figurava o nome do proprio. Evidentemente, pois, n'esse caso, era oiro sobre azul. Porem se era cigano conhecido —e Guerra Junqueiro estava no caso— então apparecia o nome de M. J. Souza Nogueira, para não despertar, entre os amadores, *desconfianças.* Mas foi elle, Guerra Junqueiro, quem assignou o recibo das liquidações das... *preciosidades archeologicas*, das *raridades artisticas.* Garantimo-lo. E provamo-lo, sendo preciso.

Liborio quiz intrujar uma segunda vez o rei, com uns candelabros *antigos* de ferro forjado. Nova exposição. E novo convite. O rei accedeu logo ao convite. Foi. Entrou, e quando o Liborio ia a fazer a sua exposição, em voz clara e energica disse: "Bem sei. Conheço isso. E' do mesmo artista do Porto, de Guerra Junqueiro, que me mandou as miniaturas.„ Liborio ficou pregado ao solo! D. Carlos sahiu, desdenhoso, e nunca mais alli voltou.

A elle, rei, estava vedado o recurso de metter os gatunos no Limoeiro. Mas aos gatunos é que não estava vedado o recurso de escrever em verso e em prosa contra elle, de clamar nos comicios e nas camaras contra elle, de incitar, por fim, e fazer a apotheose dos assassinos que em plena praça publica lhe tiraram a vida.

Mataram? E' certo. Ferozes? Sem duvida. Mas crueis por amôr, ferozes por bondade. Os que matam por amôr, sacrificando o proprio corpo, são duros, mas são bons.

E assim já sabemos porque Guerra Junqueiro collaborou nos *adeantamentos*, roubando o rei... dos *adeantamentos.*

Foi por amor!

Roubar por amor, é uma phrase que deve ficar na historia.

Houve dois grandes jornalistas n'esta terra que eram, ao mesmo tempo, dois grandes bandidos. Já agora, é condição essencial, para ser grande n'esta terra, *gramar, lamber* ou ser *bandido.* Chamavam-se elles Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro.

Ambos elles fizeram uma grande campanha contra D. Luiz. E Marianno de Carvalho rematava com estas palavras, invariavelmente, os seus artigos:

O povo quer albarda. O povo quer albarda, real senhor!

Não ha duvida. E quando não é o rei que lhe põe a albarda e o monta, põem-lh'a e montam-no os jornalistas da *libardade*, os parlamentares da republica, os poetas e os tribunos... da democracia.

Não ha duvida. O povo quer albarda! Não passa sem albarda, sem cavalleiro, sem Santantoninho e sem arrocho!

Não ha duvida.

A canalha

Outro defensor de Ramires

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Já o seu jornal veio esclarecer quem era um dos protectores e defensores de Ramires; deixe-me agora falar do outro, um tal Adriano Alves de Vasconcellos, que no Brazil veio terçar armas pelo burloso revolucionario.

Este sujeito teve de safar-se de Lisboa não sei bem porque. O que sei é que emquanto aqui viveu passava vida de luxo e de pagode e de amantes, incompativel com os recursos da sua profissão. Tendo sido franquista com a mira em posta grossa, passou para os republicanos quando viu que os franquistas lhe não davam nada. E' o verdadeiro typo de *rastaquouere* dando-se ao mesmo tempo ares de pessoa superior.

Tendo estado no cartorio do Martins de Carvalho, passou para o do Alexandre Braga, onde se fez revolucionario *enragé* para se vingar talvez dos franquistas nada lhe terem dado para alimentar a ociosidade, a pandega e o luxo que elle tanto ama.

Esperando que tudo isso, porem, lhe daria a Republica, era um dos que estavam encarregados de distribuir bombas de dynamite no dia 28 de janeiro.

Como a revolução gorou e depois se deu o regicidio em 1 de Fevereiro, o Vasconcellos foi n'essa mesma tarde, de luvas e chapeu alto para que não desconfiassem, levar o caixote das bombas que tinha no escriptorio, para logar mais seguro.

Na defesa que faz do Ramires diz que sabe ter sido este em Portugal *um dos mais valorosos soldados do partido republicano.* Bem se vê o motivo porque lhe chama *valoroso*; é porque o Ramires tambem era das bombas e do resto.

Que as auctoridades exprimam bem o Ramires e nós veremos se aquillo é ou não um filão de primeira ordem.

O outro defensor, o Botto Machado, que nos quer impingir o Ramires como uma victima de agiotas, tambem está a pedir *agua á jarra.* Este tem a mania de se fazer martyr, mas com o maior exhibicionismo possivel, e por isso, e talvez porque não está tão innocente como se apregoa, se dá aquelles ares que parecem de um pateta ou de um comediante. O Ramires era um verdadeiro gatuno e isso se apurará em tempo competente. Se roubava para dar aos homens das bombas de dynamite e aos gatunos que vivem de ser republicanos, isso é que é possivel, contando receber o dobro, caso a revolução vingasse como todos esperavam. Victima de agiotas, essa não péga.

Um seu leitor assiduo

Informações

Do sr. prior de Pinzio recebemos a carta que se segue:

Sr. Director.

No seu muito acreditado jornal de 16 do corrente deparei com uma local em que o seu auctor, a titulo de informações, narrou factos que attingem a minha humilde pessoa, aos quaes, por serem menos verdadeiros, é do meu dever dar formal desmentido.

Não é verdade que o sr. Alpoim estivera n'esta povoação de Pinzio no dia do assassinato de D. Carlos, nem mesmo noutra qualquer occasião. Creio mesmo que o dito sr. nem ao menos tem conhecimento d'esta obscura aldeia. O que deu origem á *gaiga* que o auctor da referida local, inconscientemente aventou para o seu jornal, foram os seguintes factos occorridos n'esta povoação e que eu, por amor á verdade, passo a narrar com a maior singeleza.

No dia do tragico acontecimento do terreiro do Paço, ao recolher a minha casa pelas 6 horas da tarde, pouco mais ou menos, á porta do meu pateo, deparei com um automovel e junto a elle dois individuos de aspecto agradavel, a quem dirigi os meus cumprimentos. Perguntei-lhes em seguida d'onde eram. Disseram-me que eram de Lisboa, e que ao sahir de Pinhel, por engano, seguiram a estrada de Pinzio. Pediram-me lhes dispensasse uma porção de gazolina. Ao que respondi que não tinha tal artigo, pem mesmo era facil encontrar na povoação. Em tal caso, disseram os dois, temos que pernoitar aqui, e mandar esta noite á Guarda comprar gazolina. Offereci-lhes então a minha casa, offerecimento que elles gentilmente agradeceram, mas que não acceitaram, resolvendo pernoitar n'uma taberna. Despedi-me dos dois cavalheiros sem que entre mim e elles houvesse mais troca de palavras.

Constou-me depois que alguem da povoação, perguntou aos individuos do automovel, d'onde vinham, ao que elles responderam, "que regressavam da Fronteira, onde tinham ido levar o sr. Alpoim,,. Constou mais que os ditos individuos disseram "visto a nossa demora já não podemos ir assistir ás *grandes festas de Lisboa*,,. No dia seguinte 2 de fevereiro pelas 4 horas da tarde chegou a esta freguezia a triste noticia da morte do Rei. E d'aqui principiou a povoação por concluir que as *festas* a que os donos do automovel se referiram, era o tragico acontecimento do dia 1 de fevereiro.

Eis a exposição fiel e verdadeira dos factos aqui occorridos, nos quaes V. em homenagem á verdade, se dignará dar a devida publicidade.

De V. etc.

O parocho de Pinzio,

José Joaquim Simões.

Ora eis a vantagem de trazermos a publico tudo quanto se liga ao caso do regicidio, de darmos curso a todos os boatos, de acolhermos todas as informações, como é da pratica, em todo o mundo, sobre crimes da mesma natureza: reduzem-se as coisas ás suas legitimas proporções, apura-se a verdade, decifra-se o enigma, aclara-se o mysterio.

E' o que a imprensa jornalistica devia ter feito logo de principio. E já estaria descoberto o crime ha muito tempo, com vantagem para todos.

Uma das razões porque nunca se descobriu o regicidio, a razão capital, foi o medo. Todo o mundo teve medo, o medo pavoroso, de falar a sério no assumpto. As unicas pessoas que em Portugal tiveram coragem para isso fomos nós, na imprensa, e o sr. conde do Arnoso no parlamento. Mas nós, que fomos o primeiro, no numero do *Povo de Aveiro* que se publicou logo a seguir ao crime do Terreiro do Paço, só falavamos pela indignação que nos causava ver os assassinos do rei, tão criminosos ou mais criminosos do que elle, tripudiando, em nome da *justiça*, sobre o cadaver do monarcha. Portanto, falavamos d'uma maneira generica, sem procurarmos averiguar as responsabilidades legaes dos assa-sinos. E a voz do sr. conde do Arnoso, trocado por jornaes republicanos e monarchicos sempre que se erguia a falar sobre o assumpto, mal passava para fóra de S. Bento. Ou antes, nem passava para fóra de S. Bento. Porque nunca ninguem soube, ao certo, pela leitura dos jornaes, desnaturando sempre propositadamente tudo quanto lhes não convem ou não agrada, o que o sr. conde do Arnoso dizia no parlamento.

Só ultimamente nos resolvemos a tratar o assumpto na sua essencia. E os resultados são enormes. Pelo menos, uma coisa conseguimos: fazer perder o medo a toda a gente.

Nós podiamos, muito bem, ter escripto ao sr. prior de Pinzio, como nos recommendavam na carta que publicámos. Mas não quizémos. Muito de proposito não quizemos. E não quizemos porque a nossa resolução foi sempre dar a isto um *caracter d'inquerito*. Nós nada affirmamos e nada negamos sem termos conhecimento profundo dos factos. Mas publicamos *tudo*, para dar margem, precisamente, a novas informações que rectifiquem ou confirmem. A novas informações que lancem, d'uma forma ou d'outra, luz sobre o caso. A's vezes com uma grande mentira descobre-se muito mais que com uma grande verdade. Um *palão* constitue de repente um indicio mais seguro que um facto já averiguado.

Da carta do sr. prior de Pinzio conclue-se que, no fundo, *alguma coisa houve*. O fundo era verdadeiro. E não se chegava a essa conclusão se não temos publicado a carta anterior. Entre os homens do automovel de Pinzio não estava o sr. Alpoim. Mas estavam *os companheiros* ou *alguns* dos companheiros do sr. Alpoim. Um dos *companheiros* do sr. Alpoim não disse que devia estar morto o rei áquellas horas. Mas disse, ou disseram os dois, que já não podiam ir assistir, por lhes faltar a gazolina, ás *grandes festas de Lisboa*.

Quaes festas?

O que o auctor da carta anterior queria provar, simplesmente, era que o sr. Alpoim e os seus companheiros sabiam da morte do rei *antes d'ella se realisar*. Isto é o que elle queria provar. Mais nada. E isso, a ser verdadeira a nova versão trazida pelo sr. prior de Pinzio, e deve-o ser dado o caracter e o escrupulo d'este sacerdote, parece ficar provado.

Pois isso é tudo. Isso é que é importante. Importantissimo. O resto é uma questão de forma e de detalhe inteiramente secundaria.

N'esta questão do regicidio o essencial é demonstrar que o crime resultou d'uma conspiração e não foi obra exclusiva do Buissa e do Costa, como o *Dia*, o *Mundo*, e todos os orgãos das quadrilhas republicanas e monarchicas teem, com o maior empenho, insinuado. N'esse sentido alguma coisa vae fazendo o *Povo de Aveiro* e isso basta.

—+—

Escrevem-nos de Braga:

Joaquim de Sequeira Lopes, negociante, e Manoel Coelho dos Santos, penhorista, são pessoas de bem e residem em Espinho.

Sequeira Lopes foi em novembro de 1907 para Lisboa curar uma molestia hospedando-se em casa de seu irmão Frederico, negociante, chefe graduado do alpoinismo. D'alli escrevia semanalmente ao Coelho, com quem tinha negocios, quando na capital começou a agitação para derrubar o Franco, dando em cada carta uma noticia politica, que o Coelho lia em toda a parte onde se discutia politica. Na quarta-feira ou quinta da semana do regicidio, essa noticia era d'este theor: *Disseram hoje a Frederico, no escriptorio forense do dr. João Pinto, que João Franco seria assassinado em 21 horas.* Quando chegou a Espinho a carta que continha esta noticia, tinham passado as tres 21 horas, por isso o valor da noticia estava prejudicado. Durante o attentado no sabbado e na quarta-feira seguinte a carta habitual dava esta noticia.

Os revolucionarios, sendo-se perdidos pela prisão dos chefes, reuniram-se secretamente, republicanos e dissidentes d'acção, e resolveram a morte da familia real. Propoz-se que os executores fossem tirados á sorte, mas o professor Buiça protestou, offerecendo-se voluntariamente, sendo o seu alvitre secundado por muitos que se promptificaram a auxilia-lo.

Estes apontamentos foram dados ao ministro Campos Henriques logo depois da formação do gabinete Amaral. Foram em carta anonyma, mas acompanhados d'um grande rol de testemunhas que viram e leram as taes noticias, figurando n'ellas o coronel reformado Raul de Passos, d'Elvas, que na occasião residia em Espinho e dava a semelhantes noticias um grande valor para a investigação.

Campos Henriques, o que demittiu o juiz Alves Ferreira e chamou o outro da Meda, fez de conta que nada era com elle. N'esta pista ninguem mexeu.

A reunião dos conspiradores, segundo se diz, teve logar n'uma casa da Costa do Castello. Isto não é novo, como coisa alguma do que estamos referindo. Já dissemos no artigo *Regicidio*, publicado no penultimo numero d'este semanario, que logo após a morte de D. Carlos e do principe Luiz Filippe, e dois dias depois da publicação do artigo *Justiça*, em que fulminámos os que tinham armado o braço de Costa e Buiça, e no momento em que tudo tremia com medo d'elles, recebemos uma carta anonyma contando-nos tudo aquillo que *dezenas de cartas*, todos os dias recebidas no *Povo de Aveiro*, confirmam actualmente. N'essa carta se dizia *tudo, tudo*, quanto se está dizendo agora. E não admira que se dissesse. Em primeiro logar, segredo de muitos é segredo logo roto. Em segundo logar, *nunca* os republicanos souberam guardar segredo de coisa nenhuma. Nunca! A policia *nunca* soube *nada*. Mas os republicanos *sempre* disseram *tudo!* E' um caso phantastico, esse da ignorancia da policia a par do assoalhamento, feito, pelos republicanos, de *todos* os segredos revolucionarios, mas nem por isso deixa de ser um caso real.

Poucos dias depois da tragedia, entrando nós no Jardim Zoologico, encontrámos uma das poucas individualidades caracteristicas do partido republicano com quem ainda mantinhamos relações. Era uma das figuras mais conhecidas do partido e das que *sempre* tinham estado *mais em dia* com os manejos revolucionarios. Esse homem, reputando um grande erro tudo quanto se tinha feito, e achando que só nós tinhamos visto bem as coisas durante o consulado de João Franco, dizia-nos que nos centros revolucionarios do Suisso e do Martinho toda a gente sabia, em 31 de janeiro, que se planeava a morte do rei para o dia immediato.

Não ha, pois, novidade nenhuma, a não ser para o grande publico, no que estamos revelando.

A reunião, affirma-se, teve logar na Costa do Castello. Tomaram parte n'ella quadrilheiros da quadrilha republicana e de todas as quadrilhas monarchicas. E foi João Pinto dos Santos, affirma-se tambem, e depois d'elle Alberto Navarro, quem mais *energicamente* reclamou a morte de D. Carlos.

Isto é o que se diz e é o que *sempre se disse*. Como se diz e sempre se disse que os filhos do visconde da Ribeira Brava foram os que mais *de perto* acompanharam o Buissa e o Costa no Terreiro do Paço.

Se é mentira . . . venha um novo prior de Pinzio rectifica-lo. Desde que todo o *mundo o diz*, os accusados, se estão innocentes, não perdem, ganham com a publicidade. E' um bello pretexto que lhes damos para arrancar *os dentes é calumnia*. Se é verdade, então . . . ha muito que se deveriam *ter forçado*, para acolher esses bandidos, as portas da Penitenciaria.

Porque bandidos são-no. E do peor quilate. N'esse caso!

Como é que João Pinto dos Santos, Bayard Junior, desceu, se é certo o que se diz, até á vileza do assassinato? Pelo mesmo motivo, talvez, porque o Borracho subiu das tabernas e dos prostibulos a primeiro campeão da honra nacional!

Elle tinha escola. Uma vez houve n'uma freguezia do concelho do Fundão graves tumultos populares. Quem era o cabeça de motim, o que pretendia levar a plebe ao incendio, ao roubo, ao assassinato? Era o Rebordão, o celebre Rebordão, que depois appareceu na rua de Santo Antonio á Estrella a fabricar bombas para salvar . . . *a liberdade*. E quem era o seu *padrinho*, como, textualmente, dizia o Rebordão? O Rebordão, o do Souto da Casa, incitava a plebe clamando *que andassem, que não tivessem medo, que lá estava o seu padrinho para os defender*. Quem era o padrinho? Era João Pinto dos Santos, que depois se veio a encontrar com o afilhado, em Lisboa, a fabricar bombas para . . . *matar reis!*

Parte da casa do pae de João Franco saltou uma vez, por meio de dynamite, no Alcaide. Quem foi o dynamitista?

Cesteiro que faz um cesto faz um cento.

Isto é um paiz de bandidos, estejam certos!

—+—

Sr. director do *Povo de Aveiro*

Começou V. a mexer nos *gros bonais* do regicidio e está V. n'um grande perigo. E' preciso acautelar-se muito porque a vida de um combatente d'essa ordem é preciosa para o paiz. Pense que quem arranjou gente para matar o rei D. Carlos e seu innocente filho, quem arranjou ladrões para roubar o cartuchame da alfandega, quem descobriu scelerados para matar o Nunes Pedro, quem tem homens capazes de atirar bombas para o meio de tropas, é capaz de, muito facilmente, mandar assassinar á traição, como até agora teem feito, o homem unico que tem a coragem de pôr em lettra redonda os nomes que toda a gente aponta como os dos mandantes da tragedia do Terreiro do Paço, que nos envergonhou, com a glorificação dos assassinos, perante todo o mundo civilisado. E essa vergonha é tal que a França, com espanto e enorme desgosto d'essa quadrilha de assassinos e ladrões que se intitula partido republicano, acaba de mandar collocar na pantheon de S. Vicente, sobre as sepulturas d'essas victimas do mais espantoso odio politico, duas bellas coroas como demonstração de sentimento e de respeito. Não imagina o que a jacobinagem tem barafustado. Se pódessem fariam demittir o almirante Aubert!

Mas deixemos isso, que não lhe escrevo para apreciações, escrevo-lhe para lhe contar factos.

Não sei se tem reparado que no meio de todas as contrariedades e vicissitudes politicas, o Alpoim tem sempre sido recebido no Paço, e é sempre ouvido. Póde, porem, V. estar certo de que se elle não tem ido ao poder a culpa ou opposição lhe veio sempre do Paço dos Navegantes e não do outro.

Achará V., como eu, como tanta gente, extranho o facto, mas elle é absolutamente authentico.

Ainda na ultima crise, em que o Mello Barreto já encommendara a farda para ser ministro dos extrangeiros, o caso se deu.

O poder estava promettido ao bloco, mas quem não deixou foi o José Luciano.

Não se impaciente com estes circumloquios porque elles são precisos, parece-me, para se perceber bem o que quero dizer, isto é, para fazer conhecer o factor d'essa protecção ao Alpoim, que andou de espingarda ao hombro para acabar com a familia real se fosse preciso.

Lembra-se V. muito bem da revolta dos marinheiros. Essa revolta, que foi planeada, na sua maior parte, em dependencias da companhia do gaz, tinha por fim depor D. Carlos e fazer rei o infeliz principe D. Luiz. Sabe-se que o Alpoim era o chefe d'esse movimento e que havia muitos conspiradores.

O que se não sabe, porem, é que entre esses conspiradores havia uma dama que não posso nomear, que não quero nomear, é melhor, a quem extraordinariamente agradava tal solução. Não é a prudencia uma virtude essencialmente feminina e d'ahi umas cartas, muito compromettedoras, escriptas por essa dama e que o Alpoim possue muito bem guardadas. Ora essas cartas teem sido um talisman precioso nas mãos d'aquelle homem, cuja ambição estou convencido, não recuaria nem diante do proprio pae se este lhe servisse de obstaculo. Descoberta a conspiração era natural que descobrissem os seus fautores, mas tal se não deu porque o Alpoim foi ter com a dama e lhe disse:

—"Querem anniquilar-me e por isso venho acolher-me á sua protecção. Se me não proteger publicarei isto, e mostrava as cartas magicas.

Diz-se que a dama cahiu de joelhos a pedir protecção e que prometteu tudo o seu valimento.

Que tem cumprido a sua palavra, vê-se, porque nunca se procurou descobrir quem foram os cabeças da revolta dos marinheiros e sobre os factos revolucionarios de 28 de Janeiro, em que o Alpoim estava compromettidissimo, se passou logo uma amnistia salvadora. E se não se passou sobre o regicidio é porque isso complicava muito com as nossas relações internacionaes. Já na Serbia os governos extrangeiros haviam prohibido que os assassinos do rei e da rainha podessem formar ministerio e a pressão d'esses governos foi tal que os referidos assassinos foram riscados do exercito.

Se não fosse esse obice, o Makavenko-mór, esse cynico pascasio e glotão, não teria deixado essa espada de Damocles suspensa sobre a cabeça dos seus companheiros de pandega e de deboche.

Mas ha mais. Quando das ultimas eleições, o Makavenko só tinha destinado tres logares de deputados para o Alpoim. Este, que é atrevido, e que sabe ser temido, foi aos ares e queixou-se muito alto, dizendo:

—Posso fazer eleger quinze deputados (Que grande mentira) mas o governo só me quer dar trez. E' um roubo contra o qual venho protestar e contra o qual venho pedir protecção.

Parece que a resposta foi de que ali se não faziam eleições e que isso era com o governo. O Alpoim não desanimou. Puxou do talismam (as cartas magicas) e invocou a fada como se faz no theatro. Esta surgiu e d'ahi a pouco o Makavenko dava sete ou oito deputados ao Alpoim, tirando-os da lista dos que para o acompanharem estavam destinados.

Mas ha mais. O Alpoim é um dos mais assiduos collaboradores do *Mundo* e especialmente da secção *diz-se*. Pois todas as noticias do que se faz no Paço são fornecidas por elle, merce ainda das cartas magicas que afinal são escriptas por uma dama por ordem de outra.

Parece impossivel, mas é verdade. E tem-lhe servido ás mil maravilhas o *diz-se*, que é, afinal, a navalha de ponta e mola que elle, o França Borges e o Affonso Costa manejam á maravilha.

Como me parecem bastante elucidativos estes factos, para se perceberem certos acontecimentos da politica portugueza, até agora indecifraveis para tanta gente, por isso me parece interessante que o *Povo de Aveiro* os faça conhecer.

E a protecção é tal para com o Alpoim que, estou certo, nem o governo do sr. Beirão lhe resistirá.

O que elle tem tramado com os socios na alfurja buissidente ha de em breve saber-se e não tardará muito.

O que vale ao José Luciano é estar entrevado senão estou certo que já teria sido dynamitado ahi ao voltar de uma esquina. Mas a raposa não pode sahir nem se resolve a deixar, á solta com a morte, a hydropica e incommensuravel vaidade do homem da Rede. Diz-se que a falha do poder que o bloco soffreu causou aos buissidentes um prejuizo e transtorno enormes porque se venciam as lettras do armamento para a revolta de 28 de janeiro, as quaes parece que o Grandella terá de pagar sosinho, visto que a sociedade não tem viuvas. Diz-se até que vendido tudo o que o Alpoim tem trez vezes não chegaria para pagar o que deve.

Imagine-se por tudo isso como elle estará para com o auctor de toda a sua desgraça!

C.

—+—

Ramos da Costa engoliu marmello crú. Mas tambem o engoliu Xavier Correia Barreto que é, afinal, director da fabrica de Chelas, e não, como dissemos, por lapso, Ramos da Costa.

Attenção

Ha perto d'um mez que temos em nosso poder a carta que se segue, e que, por falta d'espaço, não temos publicado:

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Lisboa

São tantos os assumptos que V. tem de tratar; é tão grande o numero de bandidos, canalhas e miseraveis que tem na sua frente, já quasi anniquilados, que julgo não terá tempo de tratar do assumpto que passo a expôr:

Duzentos e tantos chefes de familia (na maioria officiaes do exercito e da armada) conhecem por experiencia propria, ser muito prejudicial á sociedade a educação moral e civil que seus filhos recebem no real collegio militar. Ainda ha poucos annos, aquelle estabelecimento era modelar no que dizia respeito a educação e instrucção: hoje, desgraçadamente, já os seus alumnos são vistos em arruaças e manifestações publicas; como por exemplo, na arruaça Bombarda, onde appareceram dois alumnos, que nas galerias da camara se salientaram dando vivas á republica.

Este facto é significativo; e tanto mais que, tendo d'elle conhecimento o primeiro responsavel pela educação social de tantos filhos familias ali interessados, procura-se occultá-lo; o que é um erro, senão um crime.

Sobre instrucção, por agora só direi que para os alumnos terem regulares notas, é necessario que os paes paguem boas gratificações a officiaes ali em serviço que nas horas vagas se encarregam de leccionar.

E' desolador este estado de coisas.

Sr. director do *Povo de Aveiro*, creia que presta um grande serviço á patria, e ao exercito (que tão ingrato foi para V.) chamando a attenção dos ministros da Guerra e do Reino (este, como eu, tem ali um filho) para o estado de decadencia d'aquelle estabelecimento.

Sr. director do *Povo de Aveiro*, não assigno esta carta para evitar que meu filho sofra por se tornarem publicas estas verdades amargas.

Admirador do seu alto talento e honrado caracter

Um seu constante leitor.

O caso tem importancia, na verdade.

No Collegio Militar ha muito bons professores. Alguns conhecemos nós. Serão outros maus, dos que não conhecemos, que é a grande maioria. E isso é natural. O bom, em tudo, é raro. E vae-o sendo cada vez mais n'esta abatida e decahida sociedade portugueza. Mas o mesmo bom professor do Collegio Militar será impotente contra a corrente de dissolução e o espirito de indisciplina que invadiu tudo. De forma que não estamos longe d'acreditar quanto se diz na carta que fica publicada.

Insania, abandono, falta de rigor na disciplina, falta de zelo no ensino . . . deve ser assim, deve ser assim. Nós acreditamos.

Quer o auctor da carta que chamemos a attenção do sr. ministro da guerra para o estado de decadencia em que se encontra aquelle estabelecimento. Ahi fica. Mas, francamente, não damos nada por isso! Isto, a nossa rehabilitação, a nossa regeneração, se é possivel, não ha de ser obra do sr. ministro da guerra ou de qualquer outro ministro. Ha de ser obra de *nós todos*. Ou nós todos nos *pomos á tesa*, ou isto está irremediavelmente perdido.

Depois, o director do Collegio Militar é, naturalmente, um politico, ou um *burocrata fardado*. Nem sabemos quem elle é. Andamos tão longe d'essas coisas do exercito que nem sabemos quem é o director do Collegio Militar. Mas ha de ser um homemsinho politico ou um *burocrata fardado*. Por conseguinte homem de pannos quentes, de palliativos e de mesinhas, de compadres, d'estar de bem com Deus e com o Diabo, do deixa-te ir, da grande confraria de *Nossa Senhora não te rales*. Adeus Collegio Militar, que lá vaes, n'esta tormenta, por agua abaixo!

O estado actual da sociedade portugueza reclama em tudo e em todos muito tino, auxiliado por uma forte mão de redea. Homens energicos, resolutos e intelligentes. O tempo dos nephelibatas e dos pulhas acabou. As doenças sociaes, como as doenças individuaes, teem os seus periodos. Na sociedade portugueza o periodo dos dentistas e das cataplasmas passou. Agora é preciso operar. Apparecem operadores corajosos e peritos? Estamos salvos. Não apparecem? Vamos para o fundo. E nada se salva! Nem a carcassa!

Sargentos a offerecerem o retrato, em grupo, ao *Seculo*, como n'outro dia os que foram para Angola ou para o diabo que os carregue, mas parece-nos que foi para Augola, meninos do Collegio Militar a darem vivas á republica, e em vez d'um tagante que lhes ensine as regras *do dever* pannos quentes que lhes ensinem as *regras do bem viver* . . . é, a continuar, navio no fundo, e preso ao fundo para sempre.

Que se revolte a tripulação, que se revolte! a tripulação honesta, a tripulação intelligente, e não os discolos, que casos ha em que a revolta é um acto de ligitima defesa!

Que se revolte, para apear o piloto e o commandante e metter os discolos, carregados de ferros, no fundo do porão. Ou isto está perdido.

—+—

Sr. director

Para juntar ás verdades do seu acreditado jornal junto envio as informações seguintes:

1.° Sabe-se que João Camello Neves é um dos assassinos pronunciados pelo crime de Cascaes.

2.° Sabe-se que elle é visitado por todas as classes do partido republicano.

3.° Sabe-se que o tenente coronel Alvim o protege com escandalo, indo ter com elle á cadeia aonde tem conferencias de algumas horas, isto quasi todos os dias (O Alvim é da Guarda Municipal).

4.° O Agapito, Ribeiro e Amores tiveram muitos visitantes no domingo das 10 h. ás 12; entre estes visitantes viam-se rufios, gatunos, faquistas, assassinos, etc., etc., que diziam ir, uns por parte do Affonso Costa, outros do Antonio José d'Almeida, e outros do Botto Machado.

5.° Os republicanos visitas dos presos, consultados, dizem que o crime é politico e que os presos estão innocentes.

6.° O Camello veio muito satisfeito do quartel do Carmo para o Juizo d'Instrucção Criminal por alli ser tratado como um bello cavalheiro e está grato ao Malaquias de Lemos e ao Alvim pela protecção que lhe teem dispensado

Um leitor assiduo do *Povo de Aveiro*.

Da protecção do general Malaquias de Lemos, duvidamos. Entretanto . . . *até ver*, como o aspirante de fazenda monarchico. Mas da protecção do tenente coronel Alvim, não duvidamos nada.

Cá por coisas!

A GRANDE QUADRILHA

Sr. Redactor:

O heroe do segundo exemplo apontado no *Povo de Aveiro* de 26 de dezembro, sob a epigraphe — *A grande quadrilha* — todos aqui o reconheceram logo. E' Alfredo Mella. Este homem por muitos annos foi empregado na botica Estacio onde marcava preços dos remedios nas receitas, e foi contemplado com algumas acções da Companhia Hygiene de que faz parte a mesma pharmacia. Ha 4 ou 5 annos alugou a escada do mesmo predio da companhia e pharmacia, e velhacamente poz uma armação de loja, com o dinheiro emprestado d'um Ferreira a quem o *heroe* serviu d'enfermeiro, para se pagar. Creio que foram cerca de 700$000 réis. Nem mais um ceitil apanhou o Ferreira. O heroe então dizia "isto era dinheiro de negro,, referindo-se á mulata mulher do Ferreira. Fez sociedade com outro. Pouco tempo depois a loja de sementes e tabacos fechava por mandado judicial, sendo o Mella conduzido sob prisão para o Limoeiro. Havia falsificado a escripturação e roubado uma casa ingleza de adubos. Tentou arrastar o socio, um pobre diabo que confiara no amigo.

Seria condemnado a pena maior, senão é a abonação de bom comportamento e ainda os empenhos do gerente e administrador da Companhia d'Hygiene, um tal — Sousa — que dizem ser bom homem, a despeito d'este haver sido posto pelas ruas d'amargura pelo *heroe* pela "sua pessima gerencia,, dizia. Ora a verdade é que o gerente admoestára suavemente uma vez o *heroe* pelos preços dos remedios serem, em alguns casos, (pessoas de quem o *heroe* desejava servir-se) muito reduzidos.

Um medico de feição, Pinheiro, asseverára no tribunal, além d'optimo comportamento e honradez, que a loja pertencia ao filho, de menor edade então. E, emfim, tudo concertado com o habil advogado V. dos Santos, que, por vezes, nos tem referido quanto está arrependido de salvar tal *malandro*. N'esta occasião já o *heroe* era chefe do serviço de fornecimentos da companhia real dos caminhos de ferro. Tal era, porem, a protecção dispensada pelo sr. Vasconcellos Porto, sério e homem de bem, que, a despeito do crime de roubo porque estava preso aquelle empregado, acreditando-o uma victima do socio, (como o *heroe* lavado em lagrimas lhe disséra), o deixou continuar, abonando-se-lhe as faltas como por doença. Mais tarde conheceu-o, descobrindo connivencias com os fornecedores, e para que a administração da companhia não suspeitasse de que havia recommendado um malandro, obteve que fosse mudado de logar com qualquer pretexto.

Pois, apezar de tudo isto, aquella lingua viperina não cessa de dizer mal do grande thalassa, como elle ainda outro dia lhe chamava.

Procedendo a averiguações soube-se que o filho, Mella Junior, poude concorrer aos logares d'aspirante das alfandegas por influencia d'um official da direcção geral, que abusivamente metteu os papeis, já quando tinha terminado o praso do concurso. E o que parece é que não só por empenhos monarchicos ficou no grupo dos — Bons — mas ainda por essas influencias — V. Porto á frente — vae ser despachado. E abertamente este se diz tambem — republicano vermelho.

Ora quer V., sr. Director do *Povo de Aveiro*, depois de tudo isto, uma nota para o regicidio?

Todos sabem que estes Mellas são encarniçados republicanos. Ha tempos declarava o Pae n'um grupo (antes do regicidio e durante a dictadura Franco) que a municipal de nada valia porque havia entendimento entre as diversas lojas de maçons para, rebentando a revolução, grupos d'operarios e companheiros decididos, introduzindo-se por diversos ultimos andares do Rocio e immediações, atirarem dos telhados, dynamite e bombas. Isto a um signal dado quando a infanteria e cavallaria de diversos corpos apparecessem, sobretudo a municipal. E, accrescentava, *como móro no ultimo andar d'uma casa com frente para o Rocio e Martinho imaginem, só á minha parte, ajudado por amigos, o que se poderá fazer.*,, Temendo a realisação de tão grande desgraça, alguem indagou a quem a casa pertencia e soube-se que é dos duques de Cadaval. Creio que aviSaram d'isto o administrador ou advogado dr. Pinto Coelho, mas o homem ali continua a viver. De todos eram conhecidas as relações entre o Mella e o Buiça que do café do gelo passeava até á porta da pequena loja d'escada onde comprava tabaco, como tambem muitas vezes ali se via o Bettencourt e o medico, victimas das bombas que fabricavam. Ha pouco ainda se soube que o espingardeiro do L. de Camões, que vendeu a carabina ao Buiça, tinha deposito d'armas n'um quarto da casa d'este Mella, com o pretexto de que lhe não cabia a *fazenda* na loja. Dizia-se tambem que alguma coisa havia de mysterioso na propriedade do Mella em Cae Agua, junto do Estoril, e apezar de todas estas indicações, nem os ultimos juizes d'instrucção criminal se importaram com isto, nem os administradores da Casa cadaval, nomeadamente o dr. Pinto Coelho, intimaram mandados de despejo tanto ao Mella como ao espingardeiro. Isto nem se acredita!

O que fazem é protegel-os. O V. Porto conservando-o na Companhia real. O Dr. Pinto Coelho sonsentindo que os cumplices dos assassinos reaes, dos que mataram parentes da casa Cadaval, continuem habitando e utilisando casas que a esta familia pertencem. Toda a gente se persuade de que se a duqueza viuva o soubesse não consentiria inquilinos de tal ordem.

Ahi tem sr. redactor, muito á pressa, porque as minhas obrigações me não deixam mais tempo, a verdade de que se passa a respeito de um homem verdadeiramente perigoso, mas que todos estão apostados em proteger. Desculpar-me-ha V. a redacção, mas não sabendo escrever para jornaes, V. limará o que ahi fica que, como seu admirador, pela sua verdadeira coragem, não podia deixar, para o esclarecer, de levar ao seu conhecimento. E entendo que todos assim deveriam proceder para sanear tudo isto.

De V. etc.

F.

—+—

Retiramos, por falta d'espaço, uma tarefa, já composta, n'um bando de fraldiqueiros que nos andam para ahi ladrando ás canellas.

Ficam para as horas vagas.

—+—

Apezar de termos muito pouca fé na tal gymnastica dos lyceus, não podemos deixar de reconhecer e louvar as boas intenções com que o sr. conde d'Agueda arranjou 11 contos para ser montado o servico de gymnastica no lyceu d'Aveiro.

A gymnastica deve vir das escolas primarias, deve fazer parte, como na Suissa e na Suecia, por assim dizer do temperamento nacional. E não é pela gymnastica dos lyceus . . . que chegamos lá. Mas, emfim, de vagar se vae ao longe. Applaudimos.

DE LISBOA

1 de fevereiro.

O mez de janeiro já celebre pelos successos politicos e criminosos concluiu como devia para não desmentir a tradicção, sem deixar de ser influenciado pela proximidade do Carnaval. Queremos referir-nos ás reuniões politicas do partido republicano e do dissidente, cheios de receios, de surprezas e . . . de ridiculos.

A dos republicanos, que por ahi já é conhecida pela assembleia carnavalesca do Largo de S. Carlos, funccionou com a diminuta concorrencia, que o *pobre Camacho* ha dias previu, attribuindo-a aos *affazeres agricolas* que impediriam todo o paiz de vir a Lisboa n'esta occasião (justamente quando os affazeres agricolas são menores) e na «Lucta» de hoje diz ter sido limitada, porque o Directorio foi parco nos convites; não passou da parola do costume destinada a intrujar os provincianos boquiabertos que assistiram a uma reunião realmente muito mais numerosa do que os que nas suas terras poderiam arranjar, com o parocho regedor é tudo.

A dos dissidentes foi de concorrencia limitadissima por falta de correligionarios e não passou da exibição do *salsa* Alpoim que se ensaiou no papel de *redemptor d'este povo* que elle do fundo do coração abomina, para quando fôr governo . . . em dia de S. Nunca á tarde.

Houve ainda a *cégada* Teixeira de Sousa — Navarro em que o Pimpão d'Alijó, esquecendo-se do que a seu respeito tem escripto tantos, procurou em um duello com um quasi cego, o *baptismo de sangue*, que julga indispensavel á consagração da chefia n'esta terra de palhaços e de . . . mascaras.

Outros successos da mascarada partidaria por ahi ha mas de todos elles só a do Largo de S. Carlos merece referencia especial.

Como ha dois annos, como sempre, o *vigoroso partido republicano* passou bocados terriveis . . . de mêdo. Esperavam-se dissenções profundas na assembleia e houve necessidade de combinar a força. Os *chéchés* Theophilo e Bernardino ficaram encarregados: o primeiro de censurar os processos anarchistas de certos republicanos a quem elle em uma *intervie* classificou de idiotas e sem valor algum, apesar de viverem sob a *aza* do titulo de Centro Antonio José d'Almeida; e o segundo de proclamar a abnegação de se fazer a revolução para não deixar esfriar *tanto homem de bem*, sem os quaes o partido republicano para nada serve. Os republicanos do «Seculo» do «Mundo», Alexandre Braga, Cunha e Costa, etc., não iriam á reunião para não irritarem com a presença algum provinciano fogoso que desconhecedor das forças politicas de Lisboa escangalhasse a egrejinha; mas seriam representados pelo illustre Affonso Costa.

Duarte Leite, Theophilo e Manuel d'Arriaga cahiram a fundo sobre os *gravatinhas*, o pobre Camacho redactor de um jornal excluido já do numero dos jornaes republicanos, com João de Menezes, *gramanteou* tudo e Affonso Costa não poude, com a cabeça perdida, fazer mais do que declarar guerra aberta á reforma eleitoral e ás reformas politicas, apezar de ainda as não conhecer, sem saber se ellas serão boas ou más, tudo em homenagem aos interesses do paiz!

Eis o resumo de tudo quanto nos contou um republicano que assistiu á mascarada.

—Tudo parola, meu caro, tudo parola. Para taes monarchicos só taes republicanos.

Nada definido, continuava elle. Evidentemente o partido republicano não é responsavel por tantos crimes, como é accusado; eu pelo menos, nunca consentiria que na minha presença alguem indicasse o Rei ou qualquer homem para ser assassinado; mas confesso que são os proprios republicanos que parece quererem passar por assassinos. E' uma mania como outra qualquer. Quando entrei para a reunião ia convencido que seria resolvido a repudiar toda e qualquer connivencia em crimes de direito commum, publicando-se n'esse sentido um manifesto ao paiz, mas... que quer? O mêdo...

—Diga, diga; o mêdo, ajudamos nós.

—Sim o mêdo, impediu que se tomassem certas resoluções. Lá estava o Affonso Costa, dizem que disposto a separar a *gravataria* dos bons republicanos; e afinal elle e outros advogados vivem do reclame politico. O partido republicano continuará a negar a connivencia em crimes e a protecção a criminosos e a provar pela imprensa, que a dispensa; no que aliás é logico, porque até hoje só tem praticado o contrario do que diz e demonstrado, que isto de principios é... *uma balóta.*

—†—

O 4.º districto criminal pronunciou os presos remettidos pelo Juiz de Instrucção Criminal, confirmando as conclusões a que o sr. Almeida Azevedo conseguiu chegar, tirando-lhe as responsabilidades que os do «Seculo» e do «Mundo» lhe impunham.

As justiças ordinarias provaram, com a verdadeira instrucção do processo, que as averiguações do Juizo de I. Criminal foram coroadas de exito, mettendo ainda no processo outros melros que tinham escapado á *Bastilha* da Calçada da Estrella. E' claro que a republicanagem ha de dizer que as justiças ordinarias são más, etc. etc. e que as confissões e declarações dos arguidos são obtidas á custa de maus tratos.

Se assim não fosse onde iria o Affonso Costa, o A. Braga, o Cunha e Costa, o Margarido e o Invertido da Rua Formosa buscar o pão de cada dia?

—†—

Antes de maiores explicações que ficarão para depois do Carnaval, julgamos, por dever de consideração ao caracter do digno director do *Povo de Aveiro*, e ás pessoas que nos lerem, dizer desde já alguma coisa sobre as referencias que aqui temos feito ao Ministro da Marinha para evitar conceitos duvidosos. Ninguem que nos tenha lido poderá dizer com verdade que somos regeneradores, franquistas, republicanos ou dissidentes etc; porque para nós o unico partido é o do maior numero, o do paiz que nos seus interesses se integre; e nenhum dos partidos existentes nos merece confiança, justamente porque só o tem prejudicado, talvez por partirem todos de um principio falso o—de que o paiz lhes pertence. Mas porque assim pensamos, não havemos de regatear louvores aos homens que praticamente satisfizerem o nosso modo de ver, ainda que tenhamos de dominar o nosso sentir com respeito á colectividade partidaria em que elles militam.

Por estas razões quando o actual governo assumiu o Poder e porque entre fazer critica e maledicencia, ha uma profunda differença, que nem todos vêem, consignamos a confiança que elle nos merecia e simultaneamente o desejo que tinhamos e temos de o apoiar se elle lhe corresponder por actos e não por palavras, quanto imaginamos, serem as necessidades do paiz mais urgentes. Se não fosse longo, teriamos feito a critica de cada ministro em separado, julgando pelos actos da vida politica de cada um o que poderia ser a sua intervenção futura nos destinos do paiz. Assim resumimos as nossas apreciações ao Presidente do Conselho de Ministros, ao Ministro do Reino e ao Ministro do Ultramar por ser nas funcções dos tres, que a nosso vêr, se condensam todos os elementos que julgamos indispensaveis para a ressurreição d'esta infeliz terra. Porque julgamos que o Presidente do Conselho não sabe da nossa existencia, porque nos não conhece, não deviamos deixar de registar a voz unanime de que elle é um homem de bem capaz de fazer obra boa e absolutamente de confiança. Com o Ministro do Reino, que tambem nos não conhece, a confiança do publico já existia, embora, como Director Geral do Ultramar, a sua transigencia com muita maroteira ter sido notoria; dizemos transigencia porque nenhuma prova temos da sua aquiescencia pessoal em factos lastimaveis que são do dominio publico. Com o Ministro do Ultramar as coisas passam-se por maneira bem differente. Difficilmente ao occuparmo-nos d'elle podemos separar a pessoa, o homem, do ministro. Somos um seu amigo verdadeiro, um admirador do seu caracter que nenhum acto ainda deslustrou; e elle que tantos amigos conta em egualdade de circunstancias ás nossas ha de continuar a ignorar como até agora quem escreve estas linhas embora os que não admittem que se diga bem de qualquer ministro sem ao mesmo tempo estender a mão para receber a esportula, nos não acreditem.

Apezar de tudo isto, a apreciação que d'elle fizemos é absolutamente coherente com o nosso modo de pensar, como os factos tem vindo comprovando. Os jornaes da opposição «Dia» e «Novidades», não encontraram outras palavras para contra elle assacar, senão um, que elle era um *bom marinheiro*, e outro que elle tinha sido sempre: um simples elemento decorativo do partido progressista. Estas apreciações podem satisfazer e até serem consideradas lisongeiras para quem julga os homens pelas palavras. Para nós não. Quem quizer fazer-se acreditar ha de pelo menos ser coherente. Andam Alpoim e Teixeira de Souza a proclamar *liberalismos* e *radicalismos*, sem se lembrarem que constantemente se trahem e se desmentem a si proprios, não só pelas palavras como tambem por actos que todos podem verificar. Pode alguem acreditar que algum d'aquelles politicos é sincero, até quando dizem que o *blóco* acabou, quando todos podem lêr no «Dia» a maior deffeza do grupo Teixeira de Souza que lhe devia ser indifferente politicamente, se a elle não estivesse de facto intimamente ligado? Pode alguem acreditar no radicalismo de Alpoim, que agora detesta o Paço, quando ainda ha poucos mezes apoiava um governo sahido do Paço onde elle em occasiões de afflicção costuma ir beijar as vestes realengas? De forma alguma.

Para nós o radicalismo e o liberalismo envolvem a renuncia e a guerra ás antigas praxes; e as apreciações com respeito a Azevedo Coutinho não podem deixar de ser vistas como o apoio a ellas, ao desejo de vêr nos governos *gente velha* mais ou menos prejudicada pela trampolina eleiçoeira e parlamentar. Posto isto, notando tanta incoherencia dos criticos com respeito a Azevedo Coutinho, como haviamos de fazer a previsão do que elle seria no ministerio do ultramar, do qual pensamos depender a ressurreição do paiz? Pelo seu passado politico não. Não o tem.

Ministro pela segunda vez; da primeira esteve tão poucos dias no ministerio que nada fez porque nada poude fazer; tivemos portanto de pôr a amizade de parte tanto quanto possivel e estudar os dotes que elle possue, e chegámos á conclusão de que elle era um homem de bem ás direitas e possuidor de um *estofo* que podia dar um bom ministro ao que não seria indifferente o conhecimento que tem dos *maraus* do ultramar, e nada mais. Nada mais dissemos que não fosse com o desejo de fundamentar e ver realizadas as nossas previzões, com as quaes individualmente pouco temos a ganhar. Pois nem assim nos fizemos comprehender, ou não quizeram comprehender-nos; e ás referencias pessoaes que fizemos que deviam como tal ser tidas e lançadas ao olvido, quando fossem julgadas menos verdadeiras ou indifferentes para a previsão do que o ministro poderia vir a ser ou para a demonstração do radicalismo fingido; alguem a quem as nossas palavras parece terem creado *engulhos*, escreveu ao *Povo de Aveiro* tentando destruir o effeito que as nossas palavras poderiam produzir, dizendo certamente coisas extraordinarias, suppondo talvez que eramos tão ingenuos que ignoramos que n'esta santa terra alguem pode adquirir amigos sem tambem adquirir inimigos.

Diz-se que Deus escreve direito por linhas tortas. Duas vezes nos referimos a Azevedo Coutinho. Uma quando elle foi nomeado ministro e outra justamente no numero do *Povo de Aveiro* em que se denuncia o *agoniado* oppositor ás nossas palavras de justiça e de verdade, o que terá completamente a suspeita de que ellas tivessem sido provocadas pelas referencias a Azevedo Coutinho provocadas no ultimo numero pelo tal *agoniado*. N'este ultimo numero previamos já que o Ministro do Ultramar havia de soffrer em breve a mais crua guerra e diziamos de que lado partiria o fogo occultando propositadamente o que é composto quasi exclusivamente pelos *maraus* do ultramar a quem elle por lá *cortou as unhas*, metteu na cadeia e devolveu para a metropole por serem de má qualidade. Ter-se-hia denunciado já esse campo? Não o podemos saber de certeza, mas é provavel que os postos avançados d'elle se tivessem denunciado para precipitarem a lucta, o que para nós não deixaria de ser vantajoso se quizessemos e podessemos cruzar armas. Não temos procuração de Azevedo Coutinho para o deffender, nem a sollicitámos nem elle nol-a daria, nem nós a queremos; mas desde já assegurâmos que o *terrivel negocio do prazo vendido a estrangeiros*, nem a nós proprios nem ao *agoniado* informador do *Povo de Aveiro* repugnaria fazer.

O que nós não fariamos era vendel-o por 130 contos pagos em parte, em *papel* de acções desvalorisadas no mercado que pouco valem e nada rendem, o que reduz bastante os taes 130 contos. Do resto nada sabemos, e abstemos-nos de fazer critica por não podermos determinar o ponto em que começa a *immoralidade* de Azevedo Coutinho por ignorarmos onde a moralidade do *agoniado informador* acaba.

A vida de Azevedo Coutinho é conhecida em toda a Lisboa e o seu caracter é definido. Ninguem teria a lucrar com palavras. Mas dizer aqui que Azevedo Coutinho não sabe quem é o auctor d'estas linhas, para os que costumam julgar os outros por si e vêr a politica portugueza por lunetas sujas pelo partidarismo faccioso, aggravado por qualquer resentimento pessoal, equivale a pretender convencer, que o *Povo de Aveiro* não é pago pelos padres e que elle não anda a fazer o jogo do Paço e da *clericalha*. A certa gente que é cega porque não quer ver, nem os melhores entreolhos evitarão o mau caminho e farão com que só o verdadeiro objectivo dos outros seja apreciado. Muitos pensam que Azevedo Coutinho é um *militarão* e um vaidoso; pois nós assegurando que elle é dos de *antes quebrar do que torcer* não lhe negámos a maleabilidade de caracter indispensavel que deve caracterisar o *estofo do bom ministro* e na curta vida ministerial que pouco excede um mez em dois factos vemos confirmadas as nossas previsões.

E' um *militarão?* Pois é elle, que conhece a guerra de Africa como poucos, que sabe onde estão os agentes provocadores d'ella, que se oppõe á remessa de contingentes militares que iriam servir a *militarite* ultramarina! E' um vaidoso? Elle que, como tantos, podia encher o «Diario do Governo» com reformas, feitas pelo pessoal do ministerio, guardando para si a gloria de ter feito obra boa se a pratica d'ella o confirmasse e nada perdendo se fosse má, divide essas glorias possiveis por commissões sem se importar que no futuro ellas lhe não sejam attribuidas!

Aqui não se faz o *jogo* de ninguem. Faz-se a justiça que os factos revelam. Abandona-se e censura-se o palavreado. Mas dizemos isto satisfaz-nos, sem que pensemos que somos acreditados. Se o director e proprietario do *Povo de Aveiro* no goso dos seus legitimos direitos ámanhã vender a propriedade do jornal, está livre de que se diga, que elle não quiz servir o paiz combatendo todos quantos o tem prejudicado, mas tão sómente fazer o réclame á venda?

Isto é um paiz originalissimo! Poderá alguem acreditar que esta correspondencia não é paga; que o auctor d'ella, nem o valor das estampilhas, nem do papel, nem a assignatura do *Povo de Aveiro* recebe; quando o proprio auctor d'ella, ainda não ha muitos dias, *esteve quasi convencido* de que ella era escripta ou feita por certo padre Cypriano que não sabe quem é, o qual por ella recebe 50$000 mensaes; tal era a certeza, a convicção com que dois *gravatinhas* o affirmavam sem saberem que nos estavam divertindo ao ouvil-os!? Não certamente. Mas para que contrarial-os? se é mais facil tornar branca a cara de um preto do que metter o senso commum em certas cabeças?

Ignotus.

Pois que esperava?

D'um artigo publicado no *Paiz*, de terça-feira ultima, pelo sr. Agostinho Fortes, sob o titulo *Desaffronta*, transcrevemos o seguinte:

"Os que vivem affastados da intriga politica suppõem, na sua boa fé, que a expressão da verdade não lhes acarretará calumnias que pretendam deprimi-los e que ás suas palavras, talvez azedas, pela sinceridade que as dicta, se responderá com palavras que procurem demonstrar que é falso o que ao espirito dos que não dizem *sim* a tudo n'uma passividade indigna de quem quer que seja que prese o pensamento, e não com a facada traiçoeira, tanto mais criminosa e repellente quanto é vibrada por mão que pulhamente se occulta. Grande é, porém, a desillusão dos que assim pensam; desanimadora é a realidade para os que julgam que á lealdade e aos sacrificios material e moral de uma vida inteira, corresponderá o respeito que essa lealdade e sacrificios teem direito de exigir a uma sociedade medianamente educada!

Não representam estas palavras um desabafo magoado da minha parte, pelo que pessoalmente me diga respeito; mas uma lamentação sincera e profunda pela baixeza de caracteres, symptoma inilludivel de sociedades decadentes e em periodo de accentuada dissolução. Lamento, é o meu, todavia, que não representa um desanimo, nem uma descrença; mas que apenas me vem mostrar quão grande e porfiosa tem de ser a lucta, quantos e incommensuraveis esforços todos os que sinceramente desejamos remodelar as condições sociaes da nossa terra, teremos de empregar.

No uso legitimo de um direito de que não cedo, publiquei nas columnas do *Paiz* uma serie de artigos em que, segundo o meu criterio, analisei as condições do republicanismo portuguez.

Muito propositadamente, porque por temperamento e por educação sou avêsso a personalismos, não alvejei nenhuma determinada pessoa; dei o signal de alarme para arrepiarmos caminho de uma senda que me parecia errada e, o que mais, cheia de perigos para o republicanismo e, principalmente, para a patria que n'uma serie de aventuras impensadas poderia encontrar a sua perda, objectivo extremamente opposto áquelle que os republicanos, faço-lhes essa justiça, procuram attingir. Estava e estou convencido de que dizia e digo verdades; esperava que, contra mim não, mas contra o que eu dizia e digo, se levantasse a voz de quem quer que fosse a mostrar-me o erro, a demonstrar-me com factos que eu era um doido, um desorientado, um maldoso até e eu, confesso-o sincera e lealmente, abriria os olhos á evidencia, daria, como soe dizer-se em linguagem popular, as mãos a palmatoria e abraçaria reconhecido o que me convencesse do meu erro e me mostrasse a verdade que cuja estrada eu sem hesitações caminharia logo, com a alegria dos que andam transviados.

Mas não; contra mim, e não contra o que eu dizia, levantou-se polymorpha a calumnia; contra mim em ditos ergueu-se a diffamação e a mentira, ás quaes relevem-mo esta immodestia, me supponho tão superior que ousadamente lhe quebro os dentes, desafiando quem quer que seja a que, assumindo a responsabilidade do que diz, largue as bancas de cafés, os centros de cavaqueira maldizente e, em publico, como eu faço, tenha a coragem de me accusar e de acarretar sobre mim a justa condemnação dos meus compatriotas.

Pois que esperava? Essa é a *libardade* e a *tolerancia* do campo republicano, que nós estamos farto de conhecer. E porque estamos farto de a conhecer, temos dicto, dizemos e diremos:

Elles não vão senão a tiro.

Todas as razões são inuteis.

O sr. Julio Vieira da Cruz, proprietario da tabacaria Monaco, é o nosso agente exclusivo para a venda do POVO DE AVEIRO, nas ruas de Lisboa.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; F. G. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 251; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis.
Molta do Ribatejo—João Baptista Mouro.
Vizeu—Kiosque do Rocio.
Chaves—Annibal de Barros.
Villa Real—Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita.
Alpedrinha—Manuel dos Santos Taroúca.
S. Domingos de Carmões—Joaquim Marques de Carvalho Junior.
Pavia—José Couto Segundo.
Villa Velha de Rodam—Antonio da Cruz Pinto.
Mangualde—Bento d'Almeida Campos.
S. Thiago de Cacem—Joaquim Gervasio.
S. Pedro do Sul—José Augusto d'Almeida.
Fáro—Francisco Matheus Fernandes.
Evora—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
Cascaes—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
Villa Nova de Baronea—José Custodio Figueira.
Cortegana, Alemquer—João dos Santos Pereira.
Paderne—Algarve—Antonio Anacleto d'Oliveira.
Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro.
Amarelleja—Moura—Manuel Frade.
Castello Branco—Vende-se pelas ruas.
Montemór o Novo—Fortunato Reinato.
Tondella—Mario do Carmo.
Pedrogam Grande—Adelino Lourenço. dos Santos.
Idanha a Nova—Christiano Pereira Barata.
Guimarães—Antonio Araujo Salgado.
Braga—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.
Taboa—Francisco da Costa Carvalho.
Monsão—João da Silva Guimarães.
Figueiró dos Vinhos—José Miguel Fernandes David
Pinhel—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres
Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122.
Lamego—Joaquim Valente.
Castello Novo (Beira Baixa) João Pereira dos Santos
Elvas—Luiz Samuel da Silva.
Povoa—José Couto Segundo,
Agueda—Eduardo dos Santos Trinta.
Covilhã—João Pereira Saraiva.
Figueira da Foz—João Palhas, Mercado n.º 8.
Santa Cruz da Graciosa—Antonio Ernesto Esteves.
Fundão—Manuel Gonçalves Anacleto.
Guarda—José Antunes de Figueiredo.
Cadaval—Antonio Lopes Leal.
Sobral de Mont'Agraço—Arthur Carvalho.
Moura—José Fragoso de Lima Nunes.
Macieira de Cambra—Domingos d'Albergaria
Alcochete Joaquim Valentim
Santarem Vende-se nas ruas
Cezimbra—Antonio José Pereira.
Angeja—José Maria Martins dos Santos.
Castello de Vide—Antonio Lourenço Veliz.
Villa do Cano—Antonio Martins Florentino.
Serpa—Celestino Alhinho.
Louzã—Adelino P, Erse.
S. Bartholomeu de Messines—A. Cabrita do Rosario.
Mattosinhos—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens
Coimbra—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.
Alcobaça—Antonio Vazão.
Gouvela—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
Leiria—Jayme Monteiro.
Portalegre—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
Vendas Novas—Joaquim Maria de Andrade—o *Varino*.
Setubal—Manuel Tavares.
Arronches—Miguel Maria.
Villa Nova d'Ourem—Antonio José Pereira.
Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho.
Sattam—José da Cunha Marques.
Escalhos de Cima (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares
Lagôa—(Algarve)—Augusto Pedro Martins.
Villa Viçosa—Luis Fillippe d'Abreu.
Bragança—Affonso Augusto Teixeira, Rua do Norte.
Funchal—João Augusto de Pina, Kiosque da Constituição.
S. João da Madeira—Venda pelas ruas.
Oliveira d'Azemeis—Venda pelas ruas.
Albergaria-a-Velha—Venda pelas ruas.

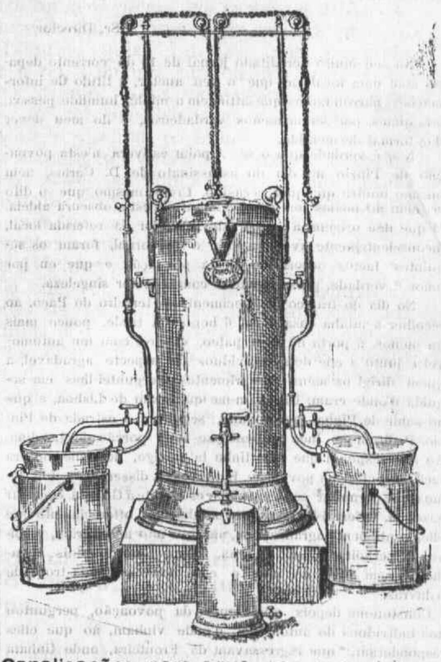
BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Giaidorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicações.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

TYPOGRAPHIA VENDE-SE a do antigo *Districto d'Aveiro* em magnifico estado, com muita abundancia de typo e mais material e um bom prelo.

Trata-se com qualquer dos advogados d'esta cidade, Drs. Antonio Fernandes Duarte Silva e Cherubim Valle Guimarães

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas*, *tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor

DE

O POVO DE AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento